

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA CRISTINA ZATTERA

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE O *DECAMERON* DE GIOVANNI
BOCCACCIO (1313-1375): RISO E REGENERAÇÃO**

CURITIBA

2014

AMANDA CRISTINA ZATTERA

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE O *DECAMERON* DE GIOVANNI
BOCCACCIO (1313-1375): RISO E REGENERAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães

CURITIBA

2014

DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada à Maria Carolina, minha querida mãe, e ao meu grande amor, Júlio César. Com Carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente à Deus, pelas bênçãos ao longo da minha jornada.

À Maria Carolina Zattera, minha mãe, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida. Por estar sempre ao meu lado, acreditando nos meus sonhos, que não se concretizariam sem sua presença. Por ser meu grande exemplo de garra e de alegria, sempre com um sorriso encantador.

À minha orientadora, Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães, pela confiança no meu trabalho, que não seria possível sem suas contribuições, e pelo grande exemplo de profissionalismo que me inspira a continuar minha caminhada.

À minha irmã, Michelle Louise Zattera, minha grande amiga, por estar sempre disponível quando preciso de ajuda, e pelas nossas longas conversas, que só nós achamos interessantes e que são tão importantes para mim.

À minha querida tia, Ariete de Fátima Zattera, por estar sempre ao nosso lado nos momentos felizes, mas também de dificuldades, pelo companheirismo e confiança.

À minha nonna, Mercedes Zattera, minha segunda mãe, que sempre acreditou em mim.

À Elaine Cristina Senko, a quem devo a inspiração do meu trabalho com a literatura medieval, pela grande ajuda e exemplo de pesquisadora e de ser humano, que jamais esquecerei.

Aos meus amigos Camila Flores, Helena e Willian, pelo companheirismo e apoio ao longo desses quatro anos.

À minha amiga Márcia Aparecida, por me compreender em meu silêncio.

À Júlio César, meu grande presente, por estar ao meu lado nessa caminhada, me mantendo forte e não permitindo que eu desistisse dos meus sonhos, sempre preocupado com minha felicidade. Por ser meu companheiro de vida, meu grande amor.

Não fomos consultados para vir para este mundo e não seremos consultados quando tivermos de partir. Isso dá bem a medida de nossa importância material na Terra, mas deve ser um elemento de consolo e não de desespero.

(Olhai os lírios do campo - Erico Verissimo)

RESUMO

No presente trabalho nos propomos analisar uma importante obra literária do período tardo-medieval: *Decameron* (1353) de Giovanni Boccaccio (1313-1375). Escrita na Florença do século XIV, ela apresenta, no teor de suas narrativas, resquícios de um contexto marcado pela ideia da Morte, tendo em vista as terríveis circunstâncias e consequências nefastas que a Peste Negra, desde 1347, havia trazido para a região europeia. Porém, embora esse seja um momento de crises e dificuldades, não podem ser negadas a superação e a prosperidade. Nesse contexto ambivalente, que foi a Baixa Idade Média, buscamos compreender, através da realidade transfigurada na literatura boccacciana, as reações diversas da sociedade diante desse período de transformações. Objetivamos observar o otimismo e o riso como uma das possíveis formas de fuga em uma realidade complexa, e para além do desespero e da aflição, a grande valorização da vida e do direito do homem de aproveitar o momento presente da melhor forma possível, perante a cotidianidade da morte.

Palavras-Chave: *Decameron*, Peste Negra, Riso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – BOCCACCIO E O SEU TEMPO	
1.1 – O ERUDITO TARDO-MEDIEVAL	12
1.2 – A COMPLEXA BAIXA IDADE MÉDIA.....	16
1.3 – “A LEMBRANÇA DA MORTANDADE: REALIDADES NARRADAS”.....	21
1.4 – O ERUDITO E SUA OBRA	25
CAPÍTULO II – PECADO E RISO NO <i>DECAMERON</i>	29
2.1 – A BUSCA PELA SANTIDADE.....	30
2.2 – CRIAÇÃO DE RELÍQUIAS.....	34
2.3 – O PERÍODO NO PURGATÓRIO.....	37
CAPÍTULO III – O PROVEITO DA VIDA DIANTE DA PRESENÇA DA MORTE	43
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

A primeira questão suscitada ao analisar o *Decameron* (1353), obra do literato florentino Giovanni Boccaccio (1313-1375), enquanto uma fonte histórica para compreendermos a Baixa Idade Média na Península Itálica, está relacionada ao fato dessa ser uma obra tão conhecida e já trabalhada em muitas abordagens e perspectivas. Nosso questionamento, contudo, está relacionado ao fato desse autor ser, ainda hoje, caracterizado como “um homem a frente do seu tempo”, conforme enfatizado nas páginas iniciais da grande maioria das edições da obra. Porém, percebemos transfigurados nessa narrativa, questionamentos e sentimentos relacionados à complexidade do período, que possibilitaram a Boccaccio a escrita de suas novelas. Nesse sentido, também nos chama a atenção a riqueza de temáticas e de personagens, presentes nas cem novelas, que permitem uma ampla possibilidade de análises acerca do contexto.

Através dessa obra, o erudito tardo-medieval nos faz um relato de um dos principais acontecimentos que marcaram o século XIV, a chamada peste negra, que atingiu Florença em 1348, assolando grande parte da população, sendo também um dos principais fatores responsáveis pelas muitas transformações do período. A partir das novelas do *Decameron*, podemos perceber as diferentes maneiras de agir perante as dificuldades. Conforme nos afirma Boccaccio, em suas primeiras páginas, estando suspensas as leis divinas e as dos homens, alguns entregavam-se ao desregramento, acreditando que a morte chegaria logo e era preciso aproveitar o momento presente, enquanto outros viviam fugindo de qualquer pecado, visando alcançar o paraíso, e até mesmo a santidade¹.

Nesse sentido, objetivamos compreender essas diferentes possibilidades presentes ao longo da narrativa das novelas, observando como também o riso e o otimismo são constantemente apresentados como possibilidades de fuga, e até mesmo de superação de situações difíceis. Foram então elencadas dezoito, das cem novelas que compõem o *Decameron*. Essas novelas foram selecionadas a partir da presença do otimismo dos personagens, diante de situações complexas, relacionadas ao religioso, e também à recorrente valorização da vivência do momento presente e do proveito das oportunidades do momento.

No primeiro momento, buscamos analisar o autor e o contexto de produção de sua obra, além das características do *Decameron*. Deparamo-nos com um debate historiográfico acerca da ideia da crença da crise que permeia o período em que Boccaccio viveu,

¹ BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução Ivone Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 29.

fundamental para nossa compreensão acerca da complexidade do século XIV. Nesse sentido, não podemos deixar de ressaltar a importância da história cultural e as abordagens propostas por seus historiadores. Peter Burke resalta, em um período que denomina de história cultural “clássica”², a obra de Johan Huizinga, *Outono da Idade Média*, no qual “esta implícita a ideia de que o historiador pinta o retrato de uma época”³.

Essa é uma obra essencial para a análise e a perspectiva proposta em nosso trabalho. Segundo Burke, Huizinga preocupou-se com o estilo de toda uma cultura, “bem como com o estilo de pinturas e poemas individuais”⁴. Estudos que Burke destaca serem fundamentais, embora suas fontes, métodos e suposições tenham sido questionados, inclusive em nossa abordagem. Posteriormente, as contribuições de historiadores franceses, associados aos *Annales* passaram a convergir com as de seus colegas de outros países, como Jacques Le-Goff, cujo amplo trabalho é fundamental para os historiadores que se debruçam sobre a Idade Média.

Para a compreensão da presença do riso na obra de Boccaccio, não poderíamos deixar de destacar o trabalho desenvolvido por Mikhail Bakhtin em *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1965), através da qual o autor analisa a obra de François Rabelais, com ideias e conceitos que se tornaram fundamentais, e de que nos utilizamos em nossa abordagem, principalmente acerca da questão do riso na Baixa Idade Média.

Contudo, a história econômica proposta por Phillip Wolff, foi igualmente importante, pois o autor, através desse viés, questiona a obra de Huizinga e resalta a prosperidade econômica, fundamental para as transformações e progressos do período tardo-medieval. Essas duas perspectivas distintas nos permitiram uma maior compreensão acerca da complexidade e ambivalência em um período de transformações na sociedade e na economia, mas também nas mentalidades dos homens que viveram essa realidade ambígua.

Posteriormente, tivemos como objetivo analisar a presença dos aspectos ligados à religiosidade, e principalmente a relação com o pecado, aspecto essencial para compreendermos a mentalidade, e consequentemente as atitudes dos homens do período. Nas novelas estão presentes, nesse sentido, as temáticas da santidade, das relíquias e do purgatório, abordadas de maneira reflexiva, mas ao mesmo tempo cômica, pois o riso se faz presente como atitude dos personagens diante dos aspectos ligados à morte e ao pecado. Esses

² Período de 1800 a 1950.

³ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 16.

⁴ Idem, p. 19.

aspectos são também utilizados por alguns personagens para obter alguma vantagem, ou alcançar algum proveito próprio, inclusive por alguns membros da própria igreja. Esse é um aspecto que nos despertaram importantes reflexões acerca de alguns questionamentos dos homens do período.

Abordamos em seguida, a ambiguidade do contexto presente na obra do erudito. Observamos as situações difíceis, presentes constantemente, ao mesmo tempo em que são seguidas por momentos de superação. Foi possível percebermos a presença do riso relacionado à importância de aproveitar as oportunidades que a vida apresenta, inclusive em um contexto de calamidades.

Em uma realidade onde eram tantas as dificuldades a serem enfrentadas, não havia espaço apenas para a tristeza e o pessimismo, pois se a guerra, a fome e a peste eram parte do cotidiano, a vida seguia afinal para aqueles que ainda podiam aproveitá-la, e nessa realidade tão ambivalente, a vida era valorizada, e o medo tão presente, era liberado muitas vezes através do cômico, e do riso que se apresenta como a própria essência da obra do erudito.

Foi por volta de 1370 e 1371, que Boccaccio revisou o *Decameron*. Essa cópia revisada é a que temos acesso atualmente, o Códice Hamilton 90, conservado na Biblioteca de Berlim, “es universalmente considerado el autógrafo, escrito por Boccaccio em la vejez, y por eso el texto de base de las actuales ediciones críticas. Es el texto fundamental del *Decameron*”⁵. Com o aparecimento da técnica tipográfica, a obra de Boccaccio, um século após a sua morte, foi muito difundida pela Europa e pelo mundo, difusão que beneficiou sua recepção e seu estudo, mantendo-se intensa ao longo de todo o século XV.

No ano de 2013, à comemoração dos 700 anos do nascimento de Boccaccio, trouxe a preocupação acerca das edições anteriores do *Decameron*, que não contavam com nenhuma tradução recente para o português no Brasil. A primeira tradução completa que temos acesso é de Raul de Polillo, de meados do século passado. A segunda edição integral é Torrieri Guimarães, de 1970, edição utilizada no início de nossa pesquisa. As muitas traduções posteriores se utilizam desse trabalho de Guimarães. Várias edições de novelas avulsas foram lançadas posteriormente, contudo, havia a carência de uma nova tradução da obra integralmente.

Essas discussões resultaram em uma edição lançada em setembro de 2013, pela L&PM, com uma nova tradução, feita diretamente do italiano por Ivone Benedetti, que

⁵PARGA, Isabel Rubín Vázquez de. *Primeras notas para un estudio de la “giuntina” del 1527 del Decameron conservada en la biblioteca Berio de Génova*. Universidad de Sevilla, 2006, p. 186

ressalta sua busca de fazer esse trabalho da maneira mais fiel, ainda que pudesse causar estranhamento ao leitor, pois Boccaccio escrevia em vulgar com sintaxe clássica⁶. Esse é um trabalho que consideramos fundamental para nossa abordagem historiográfica acerca do período, o qual passamos a nos utilizar em nossas análises.

A primeira diferença que percebemos entre as traduções é o próprio título, *Decameron*, mantido original no trabalho de Benedetti⁷. Outro aspecto diz respeito aos nomes dos personagens, que a tradutora manteve também originais, enquanto no trabalho de Guimarães, são duas as mudanças, a do nome de Elissa por Elisa, e de Dioneu por Dionéio. Essas são apenas as mudanças que percebemos em um primeiro momento, sendo muitas outras expressivas ao longo de toda a obra. Porém, essa análise detalhada foge de nossa função e do nosso objetivo principal.

Em nossa busca pela compreensão da perspectiva otimista de Boccaccio em um contexto de intensidade da peste negra e de seus efeitos sobre a sociedade do período, nos propomos a analisar um número de novelas que corresponde a apenas uma pequena porcentagem da obra. Não podemos deixar de ressaltar, portanto, que não temos o objetivo de retratar a totalidade do *Decameron* a partir dessas novelas, mas analisar através delas, alguns aspectos que nos permitam compreender a sociedade do período, valorizando a diversidade da obra, conforme nos propomos ao longo desse trabalho.

⁶ Texto da palestra apresentada na UNICAMP, durante o colóquio dos 700 anos de Boccaccio, disponível <http://ivonebenedetti.wordpress.com> (acesso em setembro de 2014).

⁷ Na obra de Guimarães o título é traduzido, sendo Decamerão.

CAPÍTULO I

BOCCACCIO E O SEU TEMPO

1.1 O erudito tardo-medieval

“Triste e aborrecida é a penosa lembrança da mortandade que a peste causou a pouco tempo. A cada um, e a todos que a viram, ou souberam dela, ela prejudicou”⁸. É nesse contexto que Giovanni Boccaccio, um dos mais importantes literatos do período tardo-medieval, escreveu entre 1349 e 1351, o *Decameron*. Através de sua obra literária, vemos o quadro de um dos principais acontecimentos do século XIV, a chamada peste negra, demonstrando sua percepção acerca da maneira como Florença foi atingida em 1348, as implicações sociais e cotidianas desse e de outros aspectos que marcaram o período em que viveu.

Boccaccio nasceu entre junho e julho de 1313, na Península Itálica, provavelmente em Florença, que é evocada como sua terra natal. Filho de mãe desconhecida foi reconhecido pelo pai, o mercador Boccaccio di Chelino, apelidado Boccaccino, funcionário dos Bardi, banqueiros de Florença⁹. Segundo Enzo Orlandi, responsável pela biografia sobre o autor do *Decameron*, o erudito passou a infância em Florença, no bairro de S. Pier Maggiore, e aos seis anos já tinha noções de escrita e leitura, aprendendo posteriormente o *trivium* (gramática, dialética e retórica). Aos quatorze anos foi enviado para Nápoles, para aprender finanças e comércio, embora já demonstrasse o gosto pela literatura. Conviveu com as classes superiores e com os homens de negócios, que nesse período começaram a elaborar uma verdadeira cultura mercantil e financeira¹⁰.

É provável que o pai de Boccaccio tenha se associado aos Bardi, que juntamente com os Acciaiuoli e os Peruzzi, havia monopolizado os negócios financeiros de Nápoles, onde Boccaccino possuía uma posição sólida na corte e na comuna florentina. Entre quatorze e dezoito anos, o erudito trabalhou como aprendiz de mercador e de bancário, entrando em contato com pessoas de todas as camadas da sociedade, das mais variadas regiões e dos diversos reinos do ocidente e também do oriente, podendo perceber uma humanidade

⁸ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 07.

⁹ Idem, p. 08.

¹⁰ ORLANDI, Enzo. **Giovanni Boccaccio**. Lisboa: Verbo, 1972, p. 12.

heterogênea, viva e apaixonada: gente do mar, grandes homens de negócio, burgueses, populares¹¹.

Em sua dissertação de mestrado *A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo do Decamerão e do mulieribus claris de Boccaccio (Florença – século XIV)*, Ana Carolina Lima Almeida possibilita-nos uma compreensão acerca da vida e da obra de Boccaccio, inserido na complexidade do seu contexto. Segundo a autora, o erudito frequentou o segundo maior centro cultural da Itália do século XIV, o palácio de Anjou, pois seu pai tinha contrato com o rei Roberto de Anjou, o que favoreceu sua aproximação com letrados e eruditos da época. Foi nesse ambiente e em uma Florença considerada a Cidade-estado mais rica da Itália, que Boccaccio tornou-se um indivíduo sensível às mudanças abruptas pelas quais a cidade que tanto estimava passou. Nas décadas seguintes Boccaccio exercia suas atividades bancárias pela Europa, vivenciando, juntamente com sua família, as repercussões tanto positivas quanto negativas da atividade comercial que passava por dificuldades no século XIV.

Boccaccio, estando em contato constante com o conhecimento, tinha outros interesses para além dos comerciais, e mesmo a contragosto de seu pai, segundo Almeida, cursou direito canônico no *Studio* Napolitano, se dedicando paralelamente aos estudos humanistas. No entanto, passou a dedicar-se à poesia e à leitura dos clássicos latinos. O literato frequentou também o segundo centro da cultura napolitana, a Biblioteca Real, que havia sido enriquecida pelo rei Roberto de Anjou (1277-1343)¹². Sob seu reinado, a corte de Nápoles atingiu um grande brilho, com a transformação da cidade, através da construção de edifícios, palácios e igrejas. Sendo um homem culto, o rei foi chamado de “Roberto, o sábio”, e sua corte frequentada por grandes nomes do humanismo¹³.

De acordo com Almeida, é com o contato com essa biblioteca que Boccaccio conheceu a tradição provençal e francesa, além do enciclopedismo, passando a interessar-se também por astrologia, ciência e pela cultura grega¹⁴. É importante destacarmos a influência de Cino de Pistoia (1270-1336), poeta e jurista italiano que se tornou exemplo para as primeiras rimas produzidas por Boccaccio, e para uma maior atenção à obra de Dante.

¹¹ ORLANDI, Enzo. **Giovanni Boccaccio**. *Op. Cit.*, p. 12.

¹² Idem, p 17.

¹³ Alguns dos principais são Francesco Petrarca e Cino de Pistóia.

¹⁴ ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo do Decamerão e do De mulieribusclaris de Boccaccio (Florença – século XIV)**. Niterói: UFF, 2009, p. 54.

Muito importante para a formação espiritual do literato tardo-medieval é o encontro com Dionísio di Borgo San Sepolcro (1300-1342), frade agostiniano, grande mestre de poética e retórica, que lhe aviva o gosto dos clássicos e leva-o a conhecer mais em profundidade Petrarca, por quem Boccaccio passou a ter grande devoção¹⁵. “As leituras e os ensinamentos que Boccaccio adquiriu reafirmaram a crença e o entusiasmo nas novas formas que a poesia vulgar era elaborada, essas formas já tinham sido estimuladas em Boccaccio pelos Frescobaldi, rimadores e mercadores que conviviam com ele, e, principalmente, pela escola de Cino e pela produção dantesca”¹⁶. Entre as décadas de 1330 e 1340, Boccaccio amadureceu sua escrita literária, e em toda sua carreira como escritor, utilizou tanto o latim quanto o vulgar¹⁷.

Acredita-se que Boccaccio tenha retornado a Florença entre 1340 e 1341, motivado, em partes pela modificação da situação de sua família, que passava por dificuldades financeiras em um contexto de guerra e de fome. As relações entre os banqueiros florentinos e a corte de Anjou haviam mudado, a companhia dos Bardi expusera-se demais ao subvencionar Eduardo III de Inglaterra, empenhado na Guerra dos Cem Anos, que por sua vez não conseguia quitar todas as suas dívidas. Mesmo antes da chegada da peste negra em 1347, a economia da península tinha sido atingida por falências, que se relacionam em grande parte a essa longa guerra entre Inglaterra e França (1337-1453), sem que tenha se circunscrito a esses reinos. A Inglaterra obteve financiamento da companhia dos Bardi e dos Peruzzi para lutar contra a França. As derrotas de Eduardo III fizeram com que ele suspendesse o pagamento de suas dívidas, levando a companhia à falência, o que fez com que todas as outras companhias florentinas que tinham função de banco fossem arruinadas.

É no ano de 1348 que Florença é assolada pela peste negra, período que o erudito inicia o *Decameron*, obra em que trabalhará até 1355, refugiado provavelmente em Nápoles, prática comum nesse contexto, pois muitas pessoas fugiram para locais mais seguros. Em 1350 Boccaccio conhece Petrarca (1304-1374), que passava por Florença a caminho de Roma, encontro que teve grande impacto na vida e também na obra de Boccaccio. “Além de estabelecer uma sólida amizade entre os dois poetas, o encontro leva a um aprofundamento dos estudos humanísticos por parte de Boccaccio”¹⁸.

¹⁵ ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo do *Decamerão* e do *De mulieribus claris* de Boccaccio (Florença – século XIV)**. Niterói: UFF, 2009, p. 55.

¹⁶ Idem, p. 56.

¹⁷ Idem, p. 55.

¹⁸ ORLANDI, Enzo. **Giovanni Boccaccio. Op. Cit.**, p. 17

Com o fim da peste, Boccaccio retornou já famoso a Florença, sua arte conseguiu derrubar muitos obstáculos, combatida pelas autoridades religiosas e por censores, atravessou os séculos tornando-se um clássico da literatura, sendo o erudito considerado parte do *trecentto* italiano, juntamente com Dante e Petrarca. Conforme ressalta Almeida, foi também após o período de intensidade da peste, que Boccaccio tornou-se embaixador florentino na cidade de Ravena, fazendo uma série de viagens diplomáticas pela Itália. Com a morte do pai, por volta de 1349, Boccaccio precisou cuidar de sua família, e também do seu patrimônio.

É nesse mesmo período que sua relação com Petrarca se intensifica, e é por sugestão do amigo que se empenhou entre 1359 e 1360 em retomar Homero e divulgá-lo¹⁹. Posteriormente as mudanças que ocorreram em Florença, devido em grande parte à tensão interna entre os populares e os homens da camada média e alta, fizeram com que Boccaccio se afastasse da política.

As muitas mudanças, das quais Boccaccio foi contemporâneo, influenciaram sua vida e também sua obra. A partir de 1350, foi envolvido por uma crise religiosa, pois compreendia a impossibilidade de conciliar os prazeres sensoriais com os preceitos cristãos, decidiu então retirar-se para um convento. No final de 1373 aceitou proferir palestras sobre Dante Alighieri, mas não pode concluir essa tarefa devido aos seus problemas de saúde. Foi para Certaldo, onde recebeu a notícia da morte de Petrarca. Não há muitas informações sobre os últimos meses de vida do autor, mas sabe-se que trabalhou na obra *Genealogia deorum gentilium* até o seu último dia. Depois, silencioso e solitário, faleceu no dia 21 de dezembro de 1375, no início do inverno²⁰.

A relação com o humanismo é uma questão recorrente na grande maioria das análises acerca dos interesses e da produção de Boccaccio, que em muitos casos, como no início da edição de 1996 do *Decameron*, traduzido por Torrieri Guimarães, é citado como autor da obra que “atravessou os séculos como uma das primeiras manifestações do humanismo moderno”²¹, além de afirmar que outras obras do autor como *Il Ninfale d’Ameto* e *L’Amorosa Visione*, já revelam, através de suas características, o espírito e os ideais renascentistas. Essa perspectiva que busca caracterizar Boccaccio como precursor de um movimento posterior, retira o autor de seu contexto, a Florença do século XIV, que com suas ambiguidades e transformações, possibilitaram a escrita do *Decameron*, obra de um homem medieval.

¹⁹ ALMEIDA, Ana Carolina Lima. *Op. Cit.*, p. 71

²⁰ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 05

²¹ Idem, p. 07

1.2 A complexa Baixa Idade Média

O contexto do século XIV, vivenciado por Boccaccio, foi um período de continuidades e mudanças, de crises e dificuldades, mas também de grande otimismo e prosperidade, uma realidade complexa transfigurada na obra do erudito tardo-medieval. A fome e a peste negra, além das guerras e de dificuldades econômicas, são alguns dos fatores que fizeram com que esse período fosse considerado um momento de decadência, após a relativa prosperidade vivenciada pela Europa no século anterior.

No clássico *Outono da Idade Média*, Johan Huizinga, um dos fundadores da moderna história cultural, possibilitou novas abordagens ao analisar o cotidiano da Baixa Idade Média. O autor propõe, a partir da França e dos Países Baixos, um estudo sobre as formas de vida e pensamento nos séculos XIV e XV. Essa importante obra, fundamental para as análises acerca desse momento histórico, foi muito debatida por autores posteriores, devido às suas características emblemáticas acerca da crença na crise que permeia o período, e à relação desse contexto com a ideia de decadência, pois o próprio título da obra aponta para uma natureza soturna, ainda que no início o autor ressalte que “toda época deixa mais rastros de sofrimento que de felicidade”²².

Em seu primeiro capítulo, *O anseio por uma vida mais bela*, o autor enfatiza que não havia só desânimo com a vida, mas também o medo de viver, diante das profundas e inevitáveis tristezas. De fato, como nos ressalta Huizinga, os homens do Baixo Medievo enfrentaram a fome e as dívidas, porém, essa crise já havia dado mostras em tempos enaltecidos²³ e o que parecia ser o anúncio de uma depressão, nos suscita vários questionamentos acerca das reações da sociedade diante dessas situações, que eram derivadas de uma gama de acontecimentos ocorridos desde meados do século XIII²⁴.

Philippe Wolff é um dos autores que propõem um questionamento acerca da obra de Huizinga, o próprio título de sua obra sugere o diálogo com o autor - *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?*²⁵ - afirmando que o outono certamente é a aproximação

²² HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média. Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos.** São Paulo: CosacNaify, 2010.

²³ GUIMARÃES, Mercella Lopes. “Cultura na Baixa Idade Média” in GIMENEZ, José Carlos (org.). **História Medieval II: a Baixa Idade Média.** Maringá: EDUEM, 2010.

²⁴ OLIVEIRA, Flavio Rodrigues de. OLIVEIRA, Terezinha de. A literatura e as transformações sociais na Baixa Idade Média: Uma análise da obra *Decamerão* de Boccaccio. **Anais da X jornada de estudos antigos e medievais da UEM.** Maringá: UEM, p. 03.

²⁵ WOLFF, Philip. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

do inverno, mas também são tão belos os frutos que nele se colhem. Ainda que a análise feita por Wolff seja através de um viés econômico, há a presença de todos os âmbitos da sociedade, pois ressalta que o choque das crises desse período não foi apenas material, pois os espíritos também foram atingidos. Não há uma negação das tantas dificuldades que fizeram com que o período fosse considerado por muitos autores como um momento de decadência, mas o autor afirma que as dificuldades e provações aconteceram em diversos momentos da história.

Segundo Wolff houve nesse momento uma grande queda demográfica, fator que acarretou uma escassez de braços para trabalhar, agravando ainda mais a fome que assolava a população, porém, há uma proposta de análise acerca das superações dessas dificuldades. O equilíbrio, segundo o autor, só iria se restaurar progressivamente durante o século XV. Wolff propõe também, evitando as generalizações, um questionamento acerca do tesouro acumulado nos séculos XIV e XV e como vão além da dificuldade de viver em um momento de crise. Para o autor o tesouro desse período seria acumulado para o futuro. Contudo, a partir de nossa análise da obra Boccacciana, verificamos um desenvolvimento ocorrido no próprio contexto em que Boccaccio escreve o *Decameron*, através da postura otimista perante a presença tão próxima das dificuldades e da própria morte em um período de guerras e peste, o autor demonstra que a vontade de viver era capaz de superar o pessimismo gerado por esses infortúnios, a alegria e o riso passaram a ser uma das possibilidades de fuga, permitindo a existência de um esplendor já no período analisado.

Não podemos deixar de ressaltar as ambiguidades e transformações que fazem desse, um período tão complexo, pois práticas se modificaram “e sua reverberação mudou algumas maneiras de viver”²⁶. Uma dessas mudanças está relacionada à guerra, que segundo Jacques Le Goff, fora na Idade Média um fenômeno mais ou menos endêmico, mas “a ação da igreja e de príncipes, como São Luís, em favor da paz, em busca de condições favoráveis à prosperidade, a condenação, pelo desenvolvimento das monarquias, das guerras feudais privadas tinham levado a um recuo do fenômeno guerreiro”²⁷. No século XIV houve uma volta da guerra, com novas formas, como na longa Guerra dos Cem Anos, que renovou as hostilidades franco-inglesas dos séculos XII e XIII.

Os progressos tecnológicos foram responsáveis também por essa nova forma de guerra, como o caso mais notável do aparecimento do canhão e da pólvora, que chegaram, conforme Le Goff, à Itália, “e de lá ao conjunto da Europa, a partir da China, através do

²⁶ GUIMARÃES, Marcella. *Op. Cit.*, p. 131.

²⁷ LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 221.

mundo muçulmano, em vinte anos, entre 1325 e 1345"²⁸. Outra mudança foi o aperfeiçoamento das técnicas de cerco, fatores que levaram ao lento desaparecimento do castelo forte em proveito do castelo aristocrático e da fortaleza"²⁹.

Ressaltamos também a diluição e a profissionalização da guerra, com bandos armados que devido à crise econômica e social, praticavam pilhagens e destruição. No contexto da península Itálica, chefes guerreiros alugavam seus serviços às cidades e aos Estados, se tornando também, em algumas das vezes, chefes políticos, são os chamados *condottieri* "³⁰.

A cristandade do fim do medievo via uma abrangência do poder islâmico, e a ameaça dos turco-otomanos. As questões referentes ao papado também sofreram muitas transformações na Europa do século XIV. Um problema da época refere-se ao Grande Cisma, que dividiu a igreja romana entre 1378 e 1417. Diante dessas questões, segundo nos afirma Jérôme Baschet, "os contemporâneos tinham razões para se sentir assolados pela Providência e as cores outonais pintadas por Johan Huizinga não saíram do nada"³¹.

Os conflitos que surgiram após o jubileu de 1300, agitaram a população romana, e para fugir dessa agitação, o papa francês Clemente V, arcebispo de Bordéus, coroado em Lyon, não se mudou para Roma, estabelecendo-se em Avignon esperando uma pacificação. De localização centralizada, Avignon favoreceu os sucessos pontifícios. Porém, havia a predominância da ligação simbólica com Roma. A volta só iria realizar-se em 1378, por Gregório XI, sucessor de Urbano V. O novo papa, Urbano VI, provocou muita hostilidade, "a maioria do conclave anulou a eleição e elegeu em seu lugar Clemente VII. Mas Urbano VI se manteve e houve, assim, simultaneamente, dois papas, o italiano Urbano VI em Roma e o genovês Clemente VII em Avignon"³², cada um reunindo parte da cristandade.

O Grande Cisma foi para a Europa cristã uma grave provação. A sua unidade tinha se desfeito durante longos anos. Se o apego efetivo à igreja romana não se tivesse manifestado, o poder unificador dessa igreja teria sido fortemente abalado. As igrejas nacionais tinham tomado distância de Roma, e as monarquias se preparavam para fazer tratados bilaterais com o papado. Na passagem do século XIII para o XIV, conforme nos

²⁸ LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 225.

²⁹ Idem, p. 221.

³⁰ Idem, p. 222.

³¹ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006, p. 251

³² LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p. 243

afirma Le Goff, a cristandade não apenas parou como encolheu³³. Essa chamada crise do século XIV saldou-se rapidamente por uma reorganização do mapa econômico e social da cristandade.

Esse é também um contexto de desenvolvimento comercial, e segundo Baschet, de aumento da importância das cidades e do comércio, questão fundamental, conforme ressaltamos anteriormente, para as possibilidades e os conhecimentos adquiridos por Boccaccio, inserido em uma família de mercadores, que são personagens recorrentes em muitas das novelas do *Decameron*. A partir do século XIII, a situação econômica começava a mudar, a atividade econômica exigia preparação ou mesmo instrução, “o mercador analfabeto dificilmente teria podido ser bem sucedido em seus negócios”³⁴.

Mesmo com as baixas brutais provocadas pelas sucessivas passagens da peste, que volta a atacar em 1360-61 e 1374-75, a população das cidades ocidentais aumenta, embora a um ritmo mais moderado que antes. “Ao lado dos mercadores, artesãos e banqueiros, os homens da lei têm ali um lugar crescente, do mesmo modo que os “oficiais”, encarregados das tarefas do governo urbano ou principesco, ou ainda os intelectuais, universitários e os primeiros “humanistas”³⁵. De acordo com Baschet, não é seguro afirmar uma mudança fundamental nas mentalidades urbanas no fim da Idade Média, porém, a hostilidade clerical e aristocrática em relação aos negócios, ainda que não tenha desaparecido, deixa um pouco mais de lugar para uma visão positiva do mercador.

Segundo Aron Gurevic, “o caminho percorrido pela classe mercantil da Europa Ocidental entre os séculos XI e XV reflete as modificações de extraordinária importância que nesse período se verificam, na economia, na estrutura social e na cultura”³⁶. O autor ressalta que o século XIII e o primeiro terço do século XIV são a época do florescimento da classe mercantil. Em algumas cidades europeias o topo dessa classe, que concentrava em suas mãos enormes riquezas, era a classe dirigente das cidades, o patriciado, e exercia uma influência decisiva no governo cidadão. Em Florença, essa oligarquia era chamada de “povo graúdo”, por oposição ao “povo miúdo”.

A Itália que temia a unificação permanecia dividida em estados independentes, que muito prosperaram devido à intensa atividade comercial, principalmente marítima, desse

³³LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Tradução: José Rivair de Macedo. SP: EDUSC, 2005, p. 141.

³⁴Idem, p. 178.

³⁵BASCHET, Jérôme. *Op. Cit.*, p. 259.

³⁶GUREVIC, Aron. O Mercador. In: LE GOFF, Jacques (org). **O Homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989, p. 165.

período, esse desenvolvimento possibilitou maior acesso dos comerciantes ao conhecimento, devido às necessidades que se apresentavam.

Segundo Marcella Lopes Guimarães, “o fim do medievo, então, é o fim de uma civilização politicamente autônoma [Bizâncio] mas não de uma tradição cultural que, entre mil rotas de fuga, escolheria a Península Itálica para o que seria conhecido como o grande Renascimento”³⁷. Os séculos XIV e XV precisam, conforme ressalta a autora, ser reestudados sob outra chave que não a das razões unicamente teleológicas: a da análise de questões concernentes àquela realidade específica.

É importante ressaltarmos também que esse é um período de inovações significativas nos campos da ciência e da cultura, com o refinamento das técnicas de cálculo, a invenção da imprensa junto com o uso do papel, e o aperfeiçoamento dos instrumentos de navegação. Jacques Le Goff nos afirma que:

A ideologia dominante e, talvez, as mentalidades condenaram como erro e pecado o novo, o progressista, o inaudito e, no entanto, quer se tratasse do universo material ou do mundo intelectual e espiritual, a Idade Média foi um período de criatividade, de inovações, de avanço extraordinário³⁸.

O autor crê que ainda que a consciência do progresso date apenas do fim do século XVII, esse progresso desponta na Idade Média. Não podemos deixar de destacar da importância do contato com o Oriente para alguns dos desenvolvimentos ocorridos nesse período.

É também Wolff que nos afirma que nenhum dos progressos realizados nesses séculos teria sido possível sem uma profunda transformação intelectual. Mas esses progressos também não se realizaram sem provocar debates interiores, inquietações e dramas, entre homens ligados a uma moral tradicional e, ao mesmo tempo, espectadores de tantos horrores. O problema é, portanto, intelectual e moral³⁹.

Baschet ressalta que os elementos de crise desse período são inegáveis, porém, menos profundos e mais limitados no tempo do que geralmente se diz. “Trata-se de um período eminentemente contrastado, durante o qual várias dificuldades não impedem a manutenção de uma forte dinâmica”⁴⁰. O autor problematiza a ideia de uma crise do feudalismo que deveria gerar um novo sistema, característico dos tempos modernos, pois a

³⁷ GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Op. Cit.*, p. 129.

³⁸ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p. 280.

³⁹ WOLFF, Phillip. *Op. Cit.*, p. 159.

⁴⁰ BASCHET, Jérôme. *Op. Cit.*, p. 274.

Baixa Idade Média continua caracterizada pelas mesmas estruturas fundamentais dos dois séculos anteriores.

O que buscamos ressaltar é que esse é um período de experiências ambivalentes, onde dificuldades, morte, renovação e prosperidade eram inseparáveis. Conforme a proposta feita por Baschet, seria preciso considerar que os avanços criativos não sucedem às cores sombrias do fim da Idade Média, mas que ambos são coexistentes⁴¹.

1.3 “A lembrança da mortandade: Realidades narradas”

O *Decameron*, principal obra de Boccaccio, é considerado também umas das principais fontes acerca da pestilência que assolou a Península Itálica no século XIV, período final da Idade Média que, segundo resalta Jacques Le Goff em *As raízes medievais da Europa*, “é em geral descrito também como um período de crise da relativa estabilidade e da relativa prosperidade que se instalaram na Europa no século XIII”⁴².

A peste negra, considerada um dos acontecimentos mais catastróficos da Europa Medieval, teve sua origem na Ásia central, onde existia em estado endêmico, e segundo Georges Duby em *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*, chegou ao ocidente pela rota da seda, e atacou a Itália pelos portos, pois o comércio europeu havia se desenvolvido, e os negociantes genoveses e venezianos partiam para negociar até os confins do Mar Negro, entrando em contato com os mercadores vindos da Ásia⁴³, as cidades do interior também não souberam organizar nenhuma defesa. Conforme afirma Philippe Wolff, Boccaccio deixou-nos uma descrição muito viva das devastações da peste em Florença⁴⁴.

Esse acontecimento influenciou de forma significativa a vida, e conseqüentemente a produção do erudito medieval, que inicia a primeira, das dez jornadas que compõem sua obra, narrando algumas das conseqüências da pestilência no cenário italiano. Essa narrativa não é feita através de algum de seus personagens, mas parte da voz do próprio narrador, que se dirige ao leitor, demonstrando sua percepção pessoal acerca desse acontecimento, relatando os impactos e as mudanças cotidianas decorrentes desse infortúnio.

⁴¹ BASCHET, Jérôme. *Op. Cit.*, p. 263.

⁴² LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 220.

⁴³ DUBY Georges. *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1999, p. 81.

⁴⁴ WOLFF, Philip. *Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 15

Segundo Jacques Le Goff, não possuímos documentos que permitem avaliar de maneira bastante precisa a mortalidade provocada pela epidemia, que variou segundo as regiões, mas é provável que em nenhuma localidade tenha sido inferior a um terço da população⁴⁵. Uma das fontes acerca desse acontecimento, a que temos também acesso atualmente é de autoria do papa Clemente VI:

No ano de Senhor, 1348, aconteceu sobre quase toda a superfície do globo uma tal mortandade que raramente se tinha conhecido semelhante. Os vivos, de fato, quase não conseguiam enterrar os mortos, ou os evitavam com horror. Um terror tão grande tinha-se apoderado de quase todo o mundo, de tal maneira que no momento que aparecia em alguém uma úlcera ou um inchaço, geralmente embaixo da virília ou da axila, a vítima ficava privada de toda assistência, e mesmo abandonada por seus parentes. O pai deixava o filho em seu leito, e o filho fazia o mesmo com o pai. Não é surpreendente, pois, que quando numa casa alguém tinha sido tocado por este mal e tinha morrido, acontecesse muito frequentemente, todos os outros moradores terem sido contaminados e mortos da mesma maneira súbita; (...). E esta peste se prolongou além do ano anteriormente dito, durante dois anos seguidos, espalhando-se pelas regiões onde, primeiramente, não tinha acontecido⁴⁶.

Não podemos, portanto, negar que essa pestilência, com ressalva aos exageros dos cronistas da contemporaneidade, ultrapassou tudo o que se poderia esperar. Os cidadãos e os camponeses foram afetados de maneira intensa. Essa diminuição em massa do número de homens – produtores e consumidores – é o fenômeno essencial para a compreensão da depressão econômica de tão longa duração: eram menos as bocas para alimentar, mas também menos braços para trabalhar, o que implica uma espiral regressiva e insanável. Durante a primeira metade do século XIV, anterior à peste negra, houve vários períodos de fome, que eram acompanhados por epidemias, levando a um aumento da mortalidade, e conseqüentemente, uma diminuição da população mesmo antes da pestilência narrada por Boccaccio.

Esse fenômeno tinha uma relação direta com uma crise geral da economia, afetada também pelo clima, que juntamente com as más condições sanitárias do período, facilitou a difusão da peste. Anterior ao período de crise em que viveu o erudito, a economia da península havia sido atingida por falências, relacionadas, em grande parte, à Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Segundo Boccaccio, “esta peste foi de extrema violência; pois ela atirava-

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

⁴⁶ *Vitae Papparum Avenionensium Clementis VI. Primavita*. Mollat. M. (Ed.). Paris, 1915-1922, p. 252. Apud Calmette, Op. Cit., p. 236-7. In: SÁNCHEZ, Maria Guadalupe Pedrero. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo, SP: UNESP, 2000.

se contra os sãos, a partir dos doentes, sempre que doentes e sãos estivessem juntos”⁴⁷. O literato ressalta também que no período de março a julho de 1348, mais de 100 000 pessoas é certo que foram arrebatadas da vida, no circuito dos muros na cidade de Florença.

A peste negra foi assim chamada por causa das duas formas sob as quais se apresentou: “a peste bubônica e a peste pulmonar, esta última é contagiosa de homem pra homem, sua incubação dura pouco, a evolução do mal é rápida: as chances de sobrevivência são ainda menores que a peste bubônica”⁴⁸. Ela se caracterizou pelo aparecimento de gânglios, chamados bubões, com as virilhas cheias de um sangue negro, cuja cor definiu a doença e a epidemia. Essa peste já tinha devastado o Oriente e o Ocidente no século VI, na época de Justiniano, depois desapareceu do Ocidente, reanimando-se posteriormente.

Essas catástrofes estavam associadas, devido às visões dos homens e mulheres do período, à imagem dos três cavaleiros do apocalipse: a fome, a guerra e a epidemia. Nenhum dos fenômenos ocorridos no contexto era desconhecido das fases precedentes da Idade Média, mas tanto sua intensidade como certos aspectos novos, criavam uma impressão inaudita⁴⁹. Esses fatores agravaram os conflitos sociais, a infelicidade dos pobres, além de ser um dos atores de uma grande violência, pois para as elites havia possibilidades de luta contra a peste, devido às melhores condições sanitárias e as maiores possibilidades de fuga.

Considerada um dos fatores que marcaram a Baixa Idade Média como um período de crises e dificuldades, segundo nos afirma Le Goff, essa peste fez cair a curva demográfica e transformou a já existente fome generalizada devido às más colheitas e a alta dos preços, em uma catástrofe, embora não houvesse afetado igualmente nem todas as categorias e nem todos os indivíduos⁵⁰. Esse momento acarretou uma grande transformação dos Estados, das estruturas sociais e econômicas, assim como das mentalidades, pois de acordo com Duby, quando um terço ou metade da população desaparece subitamente, são gigantescas as consequências psicológicas⁵¹.

É importante ressaltar que a peste negra faz parte de um contexto geográfico, social e psicológico, que levou os que viveram naquele momento a verem como apocalíptica, associada à ira e ao castigo divino devido às más ações dos homens. De acordo com Boccaccio:

⁴⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.* p. 28.

⁴⁸ WOLFF, Phillip. *Op. Cit.* p.19.

⁴⁹ LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. pp. 220-221.

⁵⁰ LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Tradução: José Rivair de Macedo. SP: EDUSC, 2005. p. 101.

⁵¹ DUBY, Georges. *Op. Cit.* p. 86.

[...] Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número de 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus pela correção de nossas obras iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao ocidente⁵².

Essa era a explicação mais plausível, uma vez que as famílias, as comunidades e os poderes públicos eram incapazes de combater o mal que os assolava.

Esse período, conforme enfatizamos anteriormente, considerado por Johan Huizinga como um momento de continuidades e mudanças, é também visto pelo autor como um período de cores turvas. De fato, como nos ressalta Huizinga, os homens do Baixo Medievo enfrentaram a fome e as dívidas, sofreram com guerras, com a crise da cristandade devido às ameaças que Roma havia sofrido, e desesperaram-se com a peste, porém, essa crise já havia dado mostras em tempos enaltecidos⁵³ e o que parecia ser o anúncio de uma depressão, nos suscita vários questionamentos acerca das reações da sociedade diante dessas situações, que eram derivadas de uma gama de acontecimentos ocorridos desde meados do século XIII⁵⁴.

Boccaccio afirma que a descrição da peste e de suas consequências para a sociedade, não é o objetivo principal de sua obra, pois seriam outras as motivações de sua escrita. O autor parte do relato da peste negra, mas afirma também que o objetivo de sua narrativa não é enfatizar os infortúnios que assolaram a Itália no século em que viveu, mas possibilitar aos leitores de sua obra uma opção em um momento de crise, permitindo que a doçura e o prazer, os quais ressalta, fossem possíveis também através de sua literatura.

Nas páginas do *Decameron*, encontramos os momentos de dificuldades e provações que os homens do período tiveram de enfrentar, porém Boccaccio, através de sua narrativa, nos demonstra um grande otimismo diante desses infortúnios, além dos grandes esforços da população e da própria cidade de Florença na busca pela superação e reorganização, frente a um quadro frequentemente enegrecido, apresentado de maneira dramática. Boccaccio relata através das vozes dos dez personagens principais de sua obra, que em um contexto de proximidade da morte, não havia somente desespero e aflição, pois na vontade de viver, encontrava-se a prevalência da alegria e do otimismo.

⁵² BOCCACCIO, Giocanni. *Op. Cit.*, p. 27.

⁵³ GUIMARÃES, Mercella Lopes. *Op. Cit.*, p. 117.

⁵⁴ OLIVEIRA, Flavio Rodrigues de. OLIVEIRA, Terezinha de. A literatura e as transformações sociais na Baixa Idade Média: Uma análise da obra *Decameron* de Boccaccio. **Anais da X jornada de estudos antigos e medievais da UEM**. Maringá: UEM, PP 1-10.

1.4 O erudito e sua obra

É nesse contexto que nasce o *Decameron*, em uma realidade de fome e de peste, mas também de um grande florescer do conhecimento medieval, que possibilitaram a Boccaccio, a produção de suas chamadas novelas. Essa obra, considerada um clássico da literatura universal, rompendo com os princípios morais e as tradições literárias da época, representou os vícios e virtudes das pessoas do período tardo-medieval, pois seu autor apreendeu de forma ímpar as muitas transformações que vivenciou⁵⁵.

Boccaccio foi, juntamente com Dante, responsável pela vulgarização da língua neolatina, sendo considerado um dos maiores responsáveis pela fixação do idioma italiano em detrimento do latim. O erudito tardo-medieval foi também considerado posteriormente com pai da literatura realista e do gênero novelesco. “Combinou os relatos de seus contemporâneos sobre a devastação que assolava a Península Itálica com a sua dor de ver o mundo que tanto amava caindo em ruínas”⁵⁶. Embora, conforme buscamos ressaltar a partir de nossa análise de sua mais famosa obra, Boccaccio aborde essa realidade de crise através de uma perspectiva otimista, apresentando o bom humor como uma das maneiras de lidar com os contratempos da vida.

O contexto da peste negra em que foi produzida é um aspecto fundamental na obra de Boccaccio, que ressalta no começo da narrativa, seu início triste e maçante, devido à sua descrição da mortandade florentina, que tanto impactou a sociedade do período. É após essa detalhada descrição da peste negra sobre o cotidiano florentino, que o autor inicia sua história. Na venerável Igreja de Santa Maria Novella, onde se achavam reunidas, numa terça feira, sete jovens mulheres, ligadas umas as outras, conforme ressalta o autor, por amizade, vizinhança ou parentesco, todas bem comportadas e de sangue nobre. Eram elas: Pampinéia, Fiammetta, Filomena, Emília, Laurinha, Neífle e Elissa.

É Pampinéia, a mais velha dentre as moças, a primeira a afirmar para as demais jovens, que naquele momento de pestilência, todas elas tinham o direito de adotarem as providências que estivessem ao alcance para a preservação de sua existência. É importante ressaltarmos a afirmação de que não estariam abandonando nenhuma pessoa, pois, na verdade, elas é que teriam sido abandonadas, pois segundo a própria Pampinéia, “os nossos,

⁵⁵ OLIVEIRA, Flavio Rodrigues de. OLIVEIRA, Terezinha. **Giovanni Boccaccio: Entre a virtude e o vício**. Seminário de pesquisa do PPE. Maringá: UEM, 2012, p. 01.

⁵⁶ Idem, Ibidem.

ou por terem morrido, ou por terem escapado à morte, nos deixaram sozinhas, e em tão grande aflição, como se deles não fôssemos”⁵⁷.

Por isso as sete mulheres partem no dia seguinte, juntamente com três moços, Pânfilo, Filóstrato e Dioneu, que também haviam encontrado na igreja, e que tinham por suas amadas três dentre elas. O grupo levou consigo alguns criados, e seguiu para um palácio abandonado, em uma região retirada, com o intuito, além de se salvarem da peste, de esquecerem, ainda que brevemente, as tristezas que os haviam assolado até então.

Para que a organização do grupo fosse mantida, enquanto permanecessem nesse local retirado, decidiram que a cada dia, um deles seria o chefe do grupo, denominados rainhas e reis. Unanimemente, Pampinéia foi escolhida a rainha do primeiro dia. Com o objetivo de se entreterem, a primeira rainha apresentou sua ideia para o restante da brigata, propondo que cada um, enquanto estivessem sentados à sombra de uma árvore, tecesse uma narrativa para os demais membros do grupo, ideia que foi realizada enquanto permaneceram no castelo, ao longo de dez dias, denominados na obra como jornadas. Assim se totalizam as cem novelas que compõem a produção de Boccaccio. O próprio título, *Decamerão*, em grego, significa dez dias.

Segundo Almeida, a obra possui uma estrutura em que consiste uma visão de narrativa que nenhum outro autor havia concebido até então. Há o Boccaccio narrador externo, que apresenta a história de dez personagens, e existem os narradores internos, que contam histórias independentes, e nas próprias histórias, existem algumas vezes, personagens que narram histórias. “Existem portanto, três níveis na obra: o autor, Boccaccio, que vive o concreto, a brigata, que segundo o autor é composta por pessoas verdadeiras e as histórias que citam ou dizem respeito a uma pessoa que existiu”⁵⁸. Essa narrativa proposta por Boccaccio, possui duas funções, a de causar prazer nos leitores e ouvintes, e ao mesmo tempo instruí-los, objetivo que o autor busca ressaltar no início de sua obra.

Muito se pesquisou acerca da inspiração das novelas narradas por Boccaccio, relacionadas em muitas dessas análises, a uma tradição de novelas toscanas, existentes desde o século XII, sendo *il novellino* um dos mais difundidos naquela região, com uma estrutura composta de um prefácio e noventa e nove novelas, num total de cem textos de viés narrativo, recurso utilizado por Boccaccio para estruturar o *Decameron*.

José Rivair Macedo em *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*, atribui como uma das inspirações para as novelas escritas por Boccaccio, os chamados *fabliaux*, pequenas

⁵⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.* p. 27.

⁵⁸ ALMEIDA, Ana Carolina Lima. *Op. Cit.*, p. 14.

narrativas fictícias, um tipo de produção literária muito apreciado nos séculos XII, XIII e XIV. Segundo Macedo, a palavra *fabliau* designa um conto em que são narradas aventuras jocosas, exemplares, agradáveis ou burlescas⁵⁹. O autor ressalta que essas narrativas não podem ser associadas a um público específico, “posto que os jograis, *trouvères* ou menestréis, por mais que estivessem ligados ao mundo aristocrático, divulgavam suas criações em outros meios, podendo apresentar-se nos castelos como nas feiras, praças, tavernas, portas de igreja”⁶⁰. De acordo com Macedo, “não há como deixar de notar a inspiração dessas aventuras jocosas e anedotas picantes em textos como o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, os *Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer, e as *Cent Nouvelles nouvelles*, redigidas no século XV”⁶¹. A técnica literária empregada nessas grandes obras e a manipulação de mecanismos retóricos, todavia, proporcionam sofisticação desconhecida pelos contistas anteriores, produzindo efeitos risíveis ao empregar a comicidade de discurso, de caráter e de situação⁶².

Porém, seria demasiado simplista atribuir à obra uma origem, ou mesmo uma influência, devemos valorizar, contudo, as confluências, pois as novelas provêm de diversas regiões, de autores da época ou antigos, muitas vezes relacionadas à tradição oral. Nesse sentido, nossa análise vai ao encontro da afirmação de Almeida, de que a originalidade não está associada a não existência de uma ligação com obras anteriores. Segundo Tzvetan Todorov em *A gramática do Decameron*:

Nenhuma estória é, nem pode ser, uma invenção totalmente original. Toda narrativa remete a uma narrativa precedente; a narrativa é, sempre, um eco de narrativas. A originalidade de um texto literário não pode consistir na ausência de remissões a outros textos anteriores. O próprio Boccaccio indicou o caminho a seguir, na conclusão do livro: ele não INVENTOU estórias diz, mas as ESCREVEU. É na escrita, com efeito, que se cria a unidade; os motivos, que o estudo do folclore nos revela, são transformados pela escrita boccacciana⁶³.

Não podemos deixar de ressaltar que as experiências vividas por Boccaccio se fundiram na forma como ele expressou seu modo de ser e ver o mundo, em um período de intensa mudança, onde os homens enfrentavam questões complexas, muitas das quais podemos identificar nas suas novelas. O erudito medieval apresenta uma diversidade de tipos sociais, personagens de suas narrativas, como o monge, o nobre, o avarento, o mercador, além de uma variedade de temáticas. Através de um mundo dinâmico, o erudito assim apresenta

⁵⁹ MACEDO José Rivair. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. São Paulo: UNESP, 2000, p. 164.

⁶⁰ Idem, p. 168.

⁶¹ Idem, p. 170.

⁶² Idem, p. 183.

⁶³ TODOROV, Tzvetan. **A gramática do Decameron**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 12.

sua percepção acerca da sociedade na qual vivia. A obra não é considerada uma realidade social em si, mas através dela encontramos evidências de muitos aspectos acerca da sociedade florentina do século XIV.

Eric Auerbach dedica o capítulo “*Frade Alberto*”, de sua obra, *Mímises: A representação da realidade na literatura ocidental*⁶⁴, para analisar a obra do erudito medieval. O autor afirma que no caso de Boccaccio temos um autor que, ao lado do cenário veneziano, escolheu muitos outros cenários para suas histórias burlescas, e o que vale para o cenário, vale também para o meio social, segundo o autor, Boccaccio examina e descreve de maneira mais concreta todas as camadas sociais, todos os ofícios e as classes do seu tempo. “Decamerão fixa pela primeira vez após a antiguidade certo nível estilístico, dentro do qual a narração de acontecimentos reais da vida presente se pode converter numa discussão culta”⁶⁵.

O dinamismo apresentado por Boccaccio, juntamente com um estilo de narrativa crítica e repleta de sarcasmo social, é uma via de interpretação do autor acerca do comportamento social de sua própria realidade, o ambiente italiano do século XIV. É fundamental, conforme já ressaltamos, compreendermos Boccaccio não apenas como é normalmente citado, um dos precursores do humanismo, mas como um homem do seu tempo, com questionamentos e percepções acerca de sua própria realidade, a baixa medievalidade.

⁶⁴AUERBACH, Eric. Frate Alberto. In: **Mímises: a representação da realidade na Literatura ocidental**. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, pp. 177-201.

⁶⁵ Idem p. 179.

CAPÍTULO II

PECADO E RISO NO *DECAMERON*

Giovanni Boccaccio escreveu sua mais famosa obra, conforme ressaltamos anteriormente, em um momento de fuga⁶⁶ da peste negra que assolava a Florença no período tardo-medieval. A fuga para outros locais era uma prática recorrente para enfrentar as dificuldades, era a principal atitude diante do cataclismo; principalmente no período de peste, buscava-se o refúgio longe das cidades populosas, na zona rural, com população dispersa. É assim que nos é relatado, através da primeira das dez jornadas do *Decameron*, as pessoas abandonavam o lugar onde se encontravam, antes que as pestilências ali surgissem, pois a cólera divina era associada também ao local, à cidade abatida. É a partir da fuga dos dez personagens principais que Boccaccio desenvolve a narrativa das cem novelas que compõem a obra. A presença constante da morte que permeava a vida está presente ao longo de toda essa narrativa, uma realidade complexa, mimetizada na literatura de Boccaccio.

Diante desse contexto, os aspectos ligados à religiosidade do homem medieval são recorrentes em grande parte das novelas do erudito, aspectos relacionados à morte, mas também à vida daqueles que ainda podiam desfrutá-la. Johan Huizinga, no já citado *Outono da Idade Média*, nos afirma que, “a vida da cristandade medieval é, em todos os aspectos, permeada de imagens religiosas. Não há coisas ou ações em que não se procure estabelecer constantemente uma relação com Cristo e com a fé”⁶⁷. A civilização do Ocidente é profundamente, intimamente, marcada pela noção de *Criação*. Os homens e as mulheres da Idade Média creem no Deus do Gênesis. O mundo e a humanidade existem porque Deus quis assim, através de um ato generoso⁶⁸.

Diante de uma realidade de perdas, e de incerteza com relação à vida, a preocupação dos homens e mulheres com o pós-morte ocupava então um lugar essencial. Essa preocupação está diretamente relacionada ao comportamento durante a vida terrena, e conseqüentemente com a relação com o pecado, conforme nos afirma Jacques Le Goff, “toda a vida e visão do mundo do homem medieval gira em torno da presença do pecado”⁶⁹, que está na origem de

⁶⁶ Refugiou-se em Nápoles durante a peste negra.

⁶⁷ HUIZINGA, Johan. *Op. Cit.*, p. 248.

⁶⁸ LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 125.

⁶⁹ LE GOFF, Jacques. “Além”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. Volume I, p. 328.

uma série de práticas rituais, como o batismo, a confissão, o jejum, a oração e a peregrinação, dominando toda a rede de relações nas quais o homem medieval se move e se representa. É essa relação que estabelece a dinâmica das relações entre corpo e alma, que constituem a "pessoa medieval"⁷⁰. A alma e o corpo vivem juntos no indivíduo em estado de contínua tensão, que por sua vez gera o pecado.

Não podemos deixar de destacar que essa relação da sociedade do período tardo-medieval com o sagrado, e com a presença constante do pecado, são aspectos fundamentais para compreendermos as novelas do *Decameron* que analisamos em nossa abordagem, pois esse pecado dos homens do período é considerado uma das principais causas da peste negra, um castigo divino para punição da humanidade. Nesse sentido, Boccaccio aborda questões fundamentais aos homens nesse momento de provações e incertezas, como a relação entre vivos e mortos, que se ajudam mutuamente para a conquista do paraíso, através da santidade, das relíquias e do purgatório, temas presentes em algumas das novelas do *Decameron*, representados de uma maneira cômica⁷¹.

2.1 A busca pela santidade

A santidade cristã aparece como uma construção, a percepção e o reconhecimento do caráter excepcional de um homem ou de uma mulher⁷². De acordo com o verbete *Santidade*, do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, a santidade como existe para os outros e através dos outros, repousa sobre o processo durante o qual este homem ou esta mulher constroem, eles mesmos, sua própria santidade, operando certas escolhas de vida, praticando certos exercícios espirituais, e evitando o pecado. A escolha religiosa deve, portanto, ser visível e reconhecível⁷³.

Considerado um mediador junto a Deus e um protetor eficaz, o santo adquire o título de “patrono”, e é o “companheiro invisível” de homens que vivem uma época de crise e precisam estabelecer uma relação de intimidade tranquilizadora com algum defunto ilustre. "Mais do que a morte e os sentimentos e as atitudes que ela suscitou, são os mortos, os

⁷⁰ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p. 329.

⁷¹ Essas novelas, conforme descrito, provocam o riso dos membros da *brigata*, e também do leitor.

⁷² GAJANO, Sofia Boesch. “Santidade”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. Volume II, p. 453.

⁷³ Idem, p 455.

cuidados que recebiam, o lugar e o papel que lhes era reconhecido pelos vivos, que parecem constituir um objeto histórico pertinente para o medievalista”⁷⁴.

É importante destacarmos a existência de uma hierarquia no que se refere ao culto cristão aos mortos, pois somente as sepulturas dos santos podiam ser veneradas, e seus restos ser objeto de todos os tipos de manipulações rituais. Os fiéis oram pelos mortos, mas recomendam-se aos santos a fim de obter a intercessão deles. Em busca da proteção dos corpos santos, muitos fiéis procuram ser enterrados perto das chamadas relíquias.

Nesse sentido, Saul Antonio Gomes ressalta que nos tempos medievais, os santuários e as catedrais e paróquias, se encheram de relicários que atraíam grande número de pessoas. Conforme nos afirma o autor, acerca da eternidade, “assim como a alma do justo e do santo alcança essa união com Deus, numa realidade celestial outra infinda e sem tempo, assim a arte e a cultura surgem como criações ao serviço de uma espiritualidade que conduza a alma a nossa eternidade”⁷⁵. Os santos recebem, de acordo com o autor, em cada igreja, uma liturgia comemorativa e específica, pois, os santos do cristianismo pertencem ao domínio dos seres eternos, e nosso tempo demonstra essa afirmação. O autor ressalta também que “a espiritualidade cristã renovou-se, em cada época história pretérita, na memória de seus mártires e dos seus santos”⁷⁶.

É importante enfatizar também que as peregrinações à Terra Santa e as cruzadas, transferiram para o Ocidente diversas relíquias provindas daquela região. “O declínio do Império Bizantino, fez transferir massas consideráveis de relíquias para o ocidente medieval”⁷⁷. Esse fenômeno religioso, segundo Gomes, era propício a várias falsificações e embustes, que eram frequentemente detectados e denunciados⁷⁸.

Boccaccio nos apresenta logo na primeira novela de sua obra, através da voz de Pânfilo, a história de Capperello, que acaba se tornando São Ciappelletto. Esse homem descrito como materialista, que fazia documentos falsos, além de dar falso testemunho, e de gozar extraordinário prazer em causar discórdias e escândalos entre amigos e parentes, havia também ferido e matado homens com as próprias mãos, sendo um blasfemador de Deus e dos santos. Capperello foi solicitado por um rico comerciante, chamado Musciatto Franzesi, para receber dos borgonheses que lhe deviam. Como na Borgonha ninguém o conhecia, passou a

⁷⁴ GAJANO, Sofia Boesch. *Op. Cit*, p. 455.

⁷⁵ GOMES, Saul Antônio. **Sagrados Monumentos, relíquias de mártires e de santos em Portugal**. Universidade de Coimbra: Revista Lusófona de Ciência das Religiões. Ano VIII, 2009. pp 59-84.

⁷⁶ Idem, p. 61

⁷⁷ Idem, *Ibidem*.

⁷⁸ Idem, p. 66.

agir com bondade, contrariando o próprio temperamento.

Hospedado na casa de dois irmãos florentinos, o Senhor Capperello adoeceu, “(...) parecia ter, no corpo, o mal da morte”⁷⁹. Após ouvir uma conversa dos irmãos sobre a preocupação que tinham, pois não poderiam abandoná-lo doente e já conhecendo sua verdadeira índole, sabiam que não poderia confessar-se e, portanto, não receberia nenhum sacramento, não havendo igreja que aceitasse seu corpo caso falecesse, o personagem então decide executar um plano para resolver o problema dos irmãos.

Ao mandar que um frade valoroso fosse até ele, o doente fez sua confissão, contando inúmeras mentiras, afirmando ser virgem e confessar-se todas as semanas, além de condenar tabernas e todos os maus atos. O frade, pensando estar diante de um cristão tão honrado, prometeu-lhe que, caso viesse a falecer, seria enterrado em um lugar sagrado. Os dois irmãos, “algumas vezes sentiam tanta vontade de rir, ao escutarem o que ele confessava ter feito, que quase explodiam”⁸⁰. Ao cair da noite daquele mesmo dia o Senhor Capperello morreu.

O frade que o havia confessado, acreditou que seu confessor era um homem santo, e que através dele, Deus faria muitos milagres. Ao cair da noite, o corpo do senhor foi posto numa urna de mármore e sepultado com honras numa capela; e, pouco a pouco, no dia seguinte as pessoas começaram a ir lá, acender velas, adorá-lo e, conseqüentemente, fazer pedidos e levar ex-votos de cera, dependendo da promessa feita. E cresceram tanto a fama de sua santidade e a devoção que lhe tinham que quase não havia ninguém que, em alguma adversidade, fizesse promessa a outro santo⁸¹.

Pânfilo finaliza a novela afirmando que não gostaria de negar que fosse possível o personagem ser bem-aventurado na presença de Deus, pois mesmo tendo uma vida ímpia e malvada, ele poderia ter feito, na hora extrema, um ato de tamanha contrição que Deus tenha tido misericórdia dele, mas como isso é algo que permanece oculto, “é mais provável que ele esteja em danação nas mãos do diabo do que no paraíso”⁸². Em seguida ressalta a bondade de Deus, que considera a pureza da fé, e não os erros, “pois mesmo quando tomamos por intercessor um inimigo d'Ele, acreditando ser amigo, somos atendidos como se recorrêssemos a um verdadeiro santo”⁸³. A novela foi acolhida pelos outros nove membros da *brigata* com muitos risos.

A importância é atribuída, conforme percebemos na novela, à intenção daquele que acredita na intercessão do santo, pois na narrativa, essa santidade está relacionada ao

⁷⁹ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 43.

⁸⁰ Idem, p. 49.

⁸¹ Idem, p. 50.

⁸² Idem, p. 51.

⁸³ Idem, *Ibidem*.

imaginário das pessoas que mantêm sua fé nas virtudes de um homem, que na realidade, nada teve de valoroso, e é para esse homem pecador, que os fiéis se dirigem para pedirem intercessão e benção. O narrador da novela, contudo, deixa claro que esse imaginário não torna a fé menos importante, devido a uma má atitude, pois o importante é a intenção com que essa fé é praticada.

Buscamos ressaltar, a partir da análise dessa novela, uma das principais formas de agir, diante da mortandade, que Boccaccio nos apresenta, não sendo sua proximidade motivo de lamentação, nem mesmo de tristeza para o personagem principal, mas uma atitude que acaba se tornando cômica, sendo motivo de riso para o próprio enfermo ao final de sua vida, e também para os que acompanharam sua verdadeira história. A própria narrativa desperta o riso de todos os personagens que ouviam a novela, e também do leitor da obra.

Segundo nos ressalta Huizinga, enquanto as emoções mais fervorosas eram dirigidas para Cristo e para Maria, todo um estoque de sentimentos religiosos cotidianos e ingênuos se concretizavam na veneração dos santos. Tudo isso contribuía para torná-los familiares e presentes. A imaginação popular se apossou deles: sua aparência era tão familiar quanto seus atributos, e seus horrendos martírios tão conhecidos como os milagres surpreendentes⁸⁴.

É novamente através de Pânfilo que a ideia da santidade se faz novamente presente no *Decameron*, como tema central da quarta novela da terceira jornada, com a história de Puccio di Rinieri, um homem rico que passou a se dedicar totalmente as coisas do espírito. Tinha como família apenas uma mulher e uma criada, não precisando dedicar-se a nenhum ofício. Sua mulher, ainda jovem, sempre que queria dormir, ou brincar com seu marido, este lhe contava a vida de Cristo, e coisas do gênero⁸⁵. Um monge que havia voltado de Paris e se tornado amigo de Puccio, percebendo o que fazia falta a sua esposa, “achou que, para poupar trabalho a irmão Puccio, talvez pudesse suprir essa falta”⁸⁶. Visando ficar sozinho com a mulher o monge argumentou a seu marido:

Já percebi várias vezes irmão Puccio, que o que você mais deseja é tornar-se santo, mas acho que para isso pegou um caminho longo, ao passo que existe um mais curto, que o papa e seus outros grandes prelados conhecem e usam, mas não querem que se torne conhecido, pois a ordem clerical, que vive sobretudo de esmolas, logo seria desfeita⁸⁷.

⁸⁴ HUIZINGA, Johan. *Op. Cit*, p. 269.

⁸⁵ BOCCACCIO, Giovanni, *Op. Cit*, p. 185.

⁸⁶ Idem, *ibdem*.

⁸⁷ Idem p. 186.

E assim Puccio ficou em penitência durante várias noites, rezando e sem poder ter contato nem com sua própria mulher, enquanto o monge jantava e se divertia com ela, que também tirou muito bom proveito da situação, afirmando ao monge: “você manda irmão Puccio fazer penitência e quem ganha o paraíso somos nós”⁸⁸. Novamente a novela de Pânfilo foi responsável por muita risada, principalmente das mulheres.

Percebemos nessa novela, transfiguradas as atitudes diversas do homem tardo-medieval, pois Boccaccio destaca logo no início de sua narrativa, as diferentes maneiras de agir perante as dificuldades em um contexto de pestilência, pois, estando suspensas as leis divinas e as dos homens, alguns entregavam-se ao desregramento, acreditando que a morte chegaria logo e era preciso aproveitar o momento presente, enquanto outros viviam fugindo de qualquer pecado, visando alcançar o paraíso, e até mesmo a santidade⁸⁹.

Enquanto Puccio buscava a fuga do pecado para alcançar a tão desejada santidade, o monge, e também sua esposa, buscaram aproveitar o momento presente e suas oportunidades da melhor forma possível. Percebemos a santidade, novamente apresentada de maneira sarcástica, despertando também muito riso dos membros do grupo. Podemos afirmar que a Baixa Idade Média foi um momento que acarretou uma grande transformação também das mentalidades, acerca inclusive, sobre os aspectos ligados ao sagrado e o religioso.

2.2 Criação de Relíquias

Não podemos deixar de ressaltar a importância central do corpo no percurso da santidade, que explica porque lhe é atribuído, inclusive depois da morte, um poder taumatúrgico que se torna a prova da sobrevivência da alma: “as relíquias são garantias tangíveis de uma comunicação permanente entre terra e céu”⁹⁰. O conceito de santidade atinge a dimensão de uma sacralidade difusa, dos objetos, dos lugares e do tempo.

Essas relíquias são restos físicos – corporais – dos homens ou mulheres reconhecidas como santos ou santas, além do objeto, que teve contato com seus corpos constituir também uma relíquia. Em torno dessas relíquias ergueram-se igrejas, construções para onde os fiéis

⁸⁸ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 187.

⁸⁹ Idem, p. 29.

⁹⁰ GAJANO, Sofia Boesch. *Op. Cit.*, p. 456.

viam em peregrinação⁹¹. Segundo nos afirma Jean-Claude Schmitt em *O corpo das imagens*, as relíquias dos santos são, em sua maior parte, pedaços do corpo morto, restos das partes duras do corpo⁹². “Sua preservação é a expressão do reconhecimento da não-putrefação do corpo dos santos, da permanência dos heróis cristãos na memória dos homens e da longevidade desencarnada dos eleitos que estão no céu”⁹³. As relíquias são consideradas na terra como parcelas duras da eternidade.

Essa ideia da superstição que envolve as relíquias é um aspecto que percebemos estar presente na décima novela da sexta jornada do *Decameron*, narrada por Dioneu, que conta a história de Frei Cebola, um dos frades de Santo Antônio, que “uma vez por ano recolhia as esmolas doadas pelos tolos”⁹⁴.

Naquele ano, o frei havia prometido a todos que veriam a bela e santíssima relíquia, que havia trazido das terras santas do ultramar, a pena que o anjo Gabriel que ficou nos aposentos da virgem Maria na anunciação. Ouvindo esse discurso, dois jovens astutos, Giovanni del Bragoniera e Biagio Pizzini, riram da história da relíquia, e resolveram fazer uma brincadeira. Após conseguirem entrar no quarto de frei, roubaram a pena, que era de papagaio⁹⁵, e encheram de carvão o cofrinho onde estava guardada.

Sem perceber o que tinha ocorrido, o frei levou o cofrinho e começou a falar para a multidão reunida, mas ao perceber que a pena não estava mais lá, mudou seu discurso, citando o Padre Messer Largameupídes Porfavóris, patriarca de Jerusalém, que possuía muitas relíquias, como o dedo do Espírito Santo, o topete do Serafim que apareceu a São Francisco, uma das unhas dos Querubins, uma das costelas do *Verbum Caro fato extra*, uma das vestes da Santa fé católica, alguns dos raios da estrela que apareceu aos três magos no Oriente, e um frasquinho com o suor de São Miguel.

O frei afirmou para as pessoas reunidas, que havia ganhado de presente, além da pena do anjo Gabriel, o carvão “com o qual o beatíssimo mártir São Lourenço foi assado”⁹⁶. Ressaltou que temiam confiá-las a outra pessoa e por isso, sempre as levava consigo, e afirma à população do local que:

A verdade é que carrego a pena do anjo Gabriel, para não estragar, num cofrinho, e o carvão com o qual São Lourenço foi assado no outro; e os dois são tão parecidos que

⁹¹ LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2005. p. 56.

⁹² SCHIMITT, Jean- Claude. **O Corpo das Imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, São Paulo: EDUCS, 2007, p. 285.

⁹³ Idem, p. 286.

⁹⁴ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 373.

⁹⁵ Na novela há a citação de que as pessoas da região não conheciam papagaio.

⁹⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 378.

muitas vezes pego um pelo outro, e foi o que aconteceu agora; de modo que, acreditando que tinha trazido o cofrinho em que estava a pena, trouxe aquele em que está o carvão. Mas não considero que tenha sido um erro; ao contrário, parece-me indubitável que foi a vontade de Deus, e que Ele mesmo pôs o cofrinho do carvão nas minhas mãos, e eu me lembrei ainda agorinha que a festa de São Lourenço será daqui a dois dias⁹⁷.

Assim os fiéis fizeram ofertas maiores que de costume, pediam que ele os tocasse com a relíquia⁹⁸. Os rapazes que haviam feito a brincadeira estavam na multidão, e ao ouvirem as palavras utilizadas pelo frei:

riram tanto que acharam que o queixo ia soltar da cara. E, depois que o povo partiu, forma falar com ele e, com a s maiores gargalhadas do mundo, revelaram o que tinham feito e lhe devolveram a pena; e esta, no ano seguinte, não teve menos serventia do que o carvão tivera naquele dia⁹⁹.

O narrador finaliza afirmando que a história proporcionou grande prazer e divertimento a todo o grupo, e todos riram muito do frei Cebola, sobretudo de sua peregrinação e das relíquias, tanto as vistas quanto as trazidas. A forma como Boccaccio representa a relíquia é muito semelhante às novelas em que a santidade é o tema central, percebemos que os objetos citados pelo frei não eram relíquias reais, mas o imaginário possibilita a crença do povo. Porém, na novela esse é um aspecto utilizado por um membro da igreja como um meio de obter vantagens.

Desde a origem, a importância central do corpo durante a vida e após a morte constitui, qualitativa e quantitativamente, o aspecto primordial do culto dos santos. Lugar de uma inscrição visível do percurso espiritual, o corpo do santo testemunha a possibilidade de uma unidade entre o homem e o divino que a morte não poderia interromper, apenas reforçar. O túmulo “garante” a dupla presença do Santo no céu e na terra, e é por esta razão o lugar privilegiado da mediação entre os fiéis e Deus, a garantia de uma proteção sempre “disponível” contra as calamidades, as doenças, os perigos que podem ameaçar os indivíduos ou a coletividade¹⁰⁰, aspectos que atingem grande intensidade no período em que Boccaccio escreve suas novelas.

⁹⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 378.

⁹⁸ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 379.

⁹⁹ Idem, p. 340.

¹⁰⁰ GAJANO, Sofia Boesch. *Op. Cit*, p. 456.

Segundo Renata Nascimento, “a veneração às santas relíquias faz parte do imaginário cristão desde seus primórdios embora sua promoção tenha sido gradativa e muitas vezes controversa”¹⁰¹. Assumiam, de acordo com a autora, a função de traduzir o invisível no visível.

As relíquias são realidades materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs. O corpo dos mártires tornaram-se inicialmente objetos de veneração por parte dos cristãos ainda durante o período das perseguições¹⁰².

A relação do homem com o objeto é também uma questão importante abordada pela autora, pois o homem seria um instrumento de Deus na realização de prodígios que poderiam ocorrer “através de algum objeto que tivesse tido contato com portadores dessa santidade”. Os homens da Idade Média viviam em busca de milagres, por desempenharem um importante papel na vida espiritual, constituíram um dos principais meios de comunicação entre este mundo e o além.

O culto das relíquias atesta sem equívoco que a qualquer corpo santo, assim como a cada fragmento seu, é atribuído de fato um poder intrínseco. Materialidade e sacralidade fazem da relíquia um objeto de devoção. Dizia-se então, com autenticação das autoridades religiosas, que os corpos santos não se decompunham. Suas tumbas exalavam "odor de santidade". Suas relíquias, nas quais a virtude do santo estava inteiramente presente, curava doenças e ressuscitava mortos¹⁰³. Essa fé é perceptível na novela sobre o frei Cebola, as pessoas se reuniam visando ao menos tocar no objeto sagrado, uma conexão que nesse contexto de infortúnios assume uma importância ainda maior, independente da relíquia, no caso da narrativa, ser um objeto qualquer, não contendo nada de sagrado.

2.3 O período no Purgatório

Não é possível falar sobre a religiosidade do século XIV e da relação do homem com a ideia do pecado sem citarmos o Purgatório, principalmente ao abordarmos questões

¹⁰¹ NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **As santas relíquias : tesouros espirituais e políticos**. Revista Diálogos Mediterrânicos : 2014, pp. 56-67.

¹⁰² Idem, p. 64.

¹⁰³ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p. 329.

diretamente relacionadas à presença da morte. É importante, portanto, ressaltarmos que a geografia do além muda a partir do século XII, com esse terceiro lugar intermediário, que fica entre o paraíso e o inferno. Este autêntico “nascimento” do purgatório insere-se numa grande “mudança das mentalidades e das sensibilidades ocorrida entre os séculos XII e XIII, em particular numa nova e profunda sistematização da geografia do Além e das relações entre a sociedade dos vivos e a sociedade dos defuntos”¹⁰⁴. O purgatório nasce no final da grande transformação imaginada pela igreja como uma modificação de toda a sociedade: A Reforma Gregoriana¹⁰⁵, que ocorreu no século XI.

Conforme Le Goff nos afirma em *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*, desde as origens, os cristãos, ao rezarem pelos seus defuntos, manifestam a convicção de que seja possível uma remissão dos pecados após a morte. O substantivo *purgatorium* aparece nos últimos trinta anos do século XII. Le Goff, através de seu trabalho, que resultou na importante obra *O nascimento do purgatório*, nos permite uma ampla compreensão e reflexão acerca do tema. Segundo o autor, após seu “nascimento”, o purgatório triunfou no século XIII, na teologia e no plano dogmático, “se da por cierta su existencia, se convierte en una verdad de fe de la iglesia. Bajo una forma u outra, em um sentido muy concreto o más o menos abstracto, es un lugar”¹⁰⁶.

Le Goff ressalta também que no fim do século XIII o purgatório está em todas as partes, na literatura em língua vulgar, e ainda que timidamente, nos testamentos. De acordo com o verbete “Além”, do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, “a presença do além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois ele arrisca a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui em baixo”¹⁰⁷.

Através do purgatório, uma nova importância é atribuída ao período que precede a morte. Os pecadores haviam se prevenido sempre contra a morte repentina e buscado se preparar a tempo, a fim de escapar do inferno, mas para evitar uma condenação tão grave devia se dispor a não levar uma vida demasiado escandalosa, não cometer nenhum pecado demasiado exorbitante, e fazer uma penitência exemplar, preferencialmente a peregrinação às terras santas. Le Goff ressalta as importantes mudanças que ocorreram:

¹⁰⁴ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit*, 330.

¹⁰⁵ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit*, p. 332.

¹⁰⁶ LE GOFF, Jacques. **El nacimiento del purgatorio**. Taurus, 1981, p. 331.

¹⁰⁷ LE GOFF, Jacques. “Além”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. Volume I, p. 28.

En lo sucesivo el sistema del Purgatorio va a permitir definir en la práctica comportamiento más diferenciados, pero no menos decisivos cuando se trate solamente de escapar de él. El mejor medio seguirá siendo, a falta de una vida santa, la penitencia – cada vez con más frecuencia precedida de la confesión-, pero queda siempre in extremis la esperanza de escapar al Infierno y de no sufrir sino el Purgatorio, si uno ha empezado al menos a arrepentirse¹⁰⁸.

O purgatório introduz uma intriga na história individual da salvação, intriga que prossegue depois da morte. O autor ressalta que o ingresso no purgatório não começa senão com a morte. Da mesma forma, o “fogo” não purgara durante o juízo final, mas antes. O tempo no purgatório irá variar segundo a quantidade e a qualidade dos pecados, e a intensidade dos sufrágios oferecidos pelos vivos¹⁰⁹.

É através de Lauretta que Boccaccio nos narra, na oitava novela da terceira jornada do *Decameron*, a história de Ferondo, homem tosco e parvo, que tinha grande amizade por um abade, que já havia reparado em sua belíssima mulher, por quem se apaixonou tão ardentemente que não pensava em outra coisa. Aconteceu que a mulher foi se confessar com o tal abade, e lhe contou da aflição que sentia com o ciúme exagerado do marido. O religioso lhe afirmou que a cura para esse mal seria o purgatório, mas exigiu em troca, o amor da senhora, que se espantou com tal pedido vindo de um homem que considerava santo. Diante disso o abade lhe afirma que: “alma minha bela, não se espante, pois nem por isso a santidade é menor, porque ela está na alma, e o que lhe peço é pecado do corpo”¹¹⁰, e diante da argumentação, a mulher acabou por aceitar a proposta do abade.

Ferondo foi mandado ao purgatório com a utilização de um pó de maravilhosa virtude, que adormecia a pessoa como se estivesse morta. Assim ficou em um calabouço, onde foi vestido como monge. Um outro monge bolonhês, a pedido do abade, assim que o homem recuperou os sentidos, deu-lhe uma surra, afirmando que era um castigo de Deus por ele ser ciumento. Enquanto isso o abade já havia cobrado os serviços que a mulher havia prometido, e assim aconteceu durante os dez meses que Ferondo ficou pagando seus pecados.

Ao voltar para casa, acreditando que Deus o havia livrado das penas do purgatório, o homem agradeceu o abade, acreditando ser ele o responsável pela sua salvação: “meu pai, as suas rezas, como me foi revelado, mais as de São Bento e da minha mulher me livraram das penas do purgatório e me devolveram a vida, e por isso peço a Deus que lhe dê um bom ano e

¹⁰⁸ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p. 335.

¹⁰⁹ Idem p. 334.

¹¹⁰ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 214.

boas calendas, hoje e sempre”¹¹¹. A volta de Ferondo e suas palavras, aumentaram a fama de santidade do abade, Ferondo nunca mais foi ciumento, e a mulher viveu com ele honestamente, como de costume, “se bem que, sempre que podia, gostava de voltar a encontrar o santo abade, que com tanta diligência a servira na hora de maior necessidade”¹¹².

O purgatório era proporcional à quantidade de pecados, dependendo em seguida dos sufrágios - preces, esmolas, missas - por fim o perdão integral ou parcial de seu tempo restante no purgatório, através das chamadas indulgências. Na novela abordada, Ferondo acreditou ter se livrado das penas do purgatório através das orações do abade, e deixou de cometer o pecado do ciúme, para não mais pagar suas penas no purgatório, enquanto o abade aproveitava sua vida terrena juntamente com sua esposa.

Segundo nos afirma Le Goff, quase todo cristão podia então pensar que passaria pelo purgatório para limpar-se de suas faltas. Era reconfortante, pois todos supunham que poderiam escapar do inferno. O autor relaciona essa ideia do purgatório também com o crescimento do poder da igreja, “cuja ajuda era necessária para diminuir a duração das temporadas num lugar, o purgatório, tão penoso quanto o inferno”¹¹³. O homem morto estava na dependência única do foro divino, mas com o purgatório, as almas passam a depender do *foro conjunto* de Deus e da igreja. “A igreja faz transbordar seu poder, seu *dominim*, para além da morte”¹¹⁴.

Esse é também o tema principal da décima novela, da sétima jornada da obra de Boccaccio, narrada por Dioneu, que conta a história, em Siena, de dois jovens, Tingoccio Mini e Meuccio di Tura, que se estimavam muito. “Indo sempre as igrejas e as pregações, como se costuma fazer, ouviram várias vezes falar da glória ou da infelicidade que no outro mundo cabe às almas daqueles que morreram, segundo seus méritos”¹¹⁵. Os amigos, querendo ter notícias seguras sobre tais assuntos, prometeram um ao outro que aquele que morresse primeiro, se possível, voltaria para dar informações àquele que tivesse ficado vivo.

Aconteceu que ambos os rapazes se apaixonaram pela mesma mulher, muito formosa, porém comadre de Meuccio. Foi Tingoccio que revelou primeiro seus sentimentos a mulher, e conseguiu a satisfação de seus desejos. Contudo, após adoecer, deixou essa vida, e depois de três dias, apareceu no quarto de Miuccio, relatando estar passando por duras penas e angústias devido aos seus pecados, mas que não estava no inferno. O amigo lhe perguntou se podia

¹¹¹ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 219.

¹¹² Idem, *Ibidem*.

¹¹³ LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 145.

¹¹⁴ Idem, p. 146.

¹¹⁵ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 431.

fazer alguma coisa por ele no lado de cá, e Tingoccio respondeu que sim, “fazer orações e dar esmolas em seu nome, porque essas coisas são muito úteis aos do lado de lá”¹¹⁶. Miuccio quis saber que pena havia sofrido por ter dormido com a comadre, e ficou sabendo que ninguém do lado de lá ligava para comadres, e zombou de sua própria tolice, pois já tinha poupado várias comadres, e “tornou-se nisso muito sabido daí por diante”.

O purgatório assegurou o triunfo do julgamento individual no momento da morte, e contribuiu grandemente para a afirmação do indivíduo em relação aos grupos e as ordens, o que caracteriza o fim da idade Média¹¹⁷. Outra questão fundamental para compreendermos o período, diz respeito à relação entre vivos e mortos, pois há um sistema de intercessões pelo qual vivos e mortos ajudam-se mutuamente para a conquista do paraíso, essa é uma parte fundamental da devoção medieval, conforme afirma Tingoccio, as orações e esmolas dos vivos, teriam muita utilidade para ele, que estava morto. Segundo Le Goff:

O purgatório modifica profundamente as relações entre vivos e mortos. Os mortos no purgatório não dispunham mais de nenhum poder sobre seu destino, sobre sua salvação, ainda que a ida para esse lugar deixasse entrever uma acolhida final ao paraíso. A duração dessa temporada – e dos tormentos que lá sofreriam – dependia dos vivos, se de seu *sufrágio*¹¹⁸.

O autor ressalta que, “pero los teólogos y la jerarquía eclesiástica lo controlan y limita su expansión en el ámbito de lo imaginario”¹¹⁹. O imaginário acerca não somente do purgatório, mas também da santidade e das relíquias é um fator importante nas novelas analisadas, pois diante de situações enganosas, que as pessoas acreditam serem verdadeiras, a fé nem por isso é diminuída. A presença de personagens membros da igreja que se utilizam desse imaginário acerca do sagrado para proveito próprio é outro fator que percebemos nas novelas, pois enquanto auxiliam as pessoas a alcançarem a santidade, uma intercessão, ou o perdão dos pecados, aproveitam a vida terrena da melhor forma que lhes é possível, através de benefícios, que na maioria das vezes são financeiros ou sexuais.

Através dessas novelas, percebemos também que os aspectos ligados à religiosidade do homem medieval são abordados através de situações cômicas, que despertam o riso dos personagens das próprias histórias, mas também dos membros da *brigata*. A proximidade da morte e a busca pelo paraíso são também narrados a partir de situações engraçadas e de uma perspectiva otimista. Esse estilo de narrativa crítica e repleta de sarcasmo social é uma via de

¹¹⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 433.

¹¹⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 32.

¹¹⁸ LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 146.

¹¹⁹ LE GOFF, Jacques. **El nacimiento del purgatorio**. *Op. Cit*, p. 331.

interpretação de Boccaccio acerca do comportamento social de sua própria realidade, o ambiente italiano do século XIV.

CAPÍTULO III

O PROVEITO DA VIDA DIANTE DA PRESENÇA DA MORTE

“Concluo que esta obra lhes parecerá austera e pesada no princípio, assim como o é a dolorosa lembrança da última peste, com que ela se inicia (...), mas não quero que isso as assuste e impeça de prosseguir, como se, lendo, houvessem de estar sempre entre suspiros e lágrimas”¹²⁰.

Conforme ressaltamos em nosso primeiro capítulo, Boccaccio inicia o *Decameron* escrevendo os horrores causados pela peste negra na Península Itálica. Percebemos o impacto da pestilência, que assolou grande parte da população, na mente desse homem que escrevia. Contudo, apesar dessa descrição detalhada ser o cenário principal para o desenvolvimento de suas histórias, o autor tem a preocupação de enfatizar, logo no início de sua narrativa, que a tristeza não é o objetivo de sua obra:

Este horripilante início não deve ser diferente do que é para o caminhante a montanha acidentada e íngreme, atrás da qual se encontra uma planície belíssima e amena, que lhe parecerá tanto mais agradável quanto maior tiver sido o padecimento da subida e da descida. E, assim como os confins da alegria são ocupados pela dor, as misérias têm seus limites no contentamento que sobrevivem. A este breve aborrecimento (digo breve porque contido em poucas linhas) seguem-se logo o deleite e o prazer já prometidos, que talvez não fossem esperados de tal início, caso isso não fosse dito¹²¹.

Creio que seria ótimo se, tal como estamos, tal como muitos de nós fizeram e fazem, saíssemos desta cidade; e, fugindo como da morte aos exemplos indecorosos dos outros, fôssemos decorosamente para as propriedades do campo que cada uma de nós tem em grande quantidade; e ali gozásssemos da festa, da alegria e do prazer que pudéssemos, sem ultrapassar de modo algum os limites da razão¹²².

As narrativas das novelas são a maneira que os personagens principais encontram de viver com alegria enquanto permaneceram afastados das dificuldades causadas pela pestilência. Em grande parte da obra o riso se faz presente como parte das próprias histórias que são contadas, surgindo das mais variadas situações, e expressando diversas temáticas. Percebemos a própria obra como uma forma de fuga para o leitor, pois na realidade de tantas provações ocorridas no século XIV, o medo era, muitas vezes, liberado através do cômico, e do riso que se apresenta como a própria essência da narrativa de Boccaccio, uma alternativa

¹²⁰ BOCCACCIO, Giovanni, *Op. Cit.*, p. 27.

¹²¹ Idem, *Ibidem*.

¹²² BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 35.

apresentada ao público contemporâneo ao autor e que se estendeu a posteridade.

Em seu já citado clássico *Outono da Idade Média*, Huizinga ressalta que “no período final da Idade Média, o tom geral da vida é de amarga melancolia”¹²³, pois para ele, a alegria de viver do iluminismo e do Renascimento, quase não são perceptíveis nesse momento. Esse sentimento está ligado, na concepção do autor, à presença constante da mortandade, pois é como se o espírito do final desse período, “não pudesse enxergar a morte sob outro aspecto além da deterioração”. Há então um medo da vida, e a negação da felicidade e da beleza, por que as desgraças e sofrimentos estão ligadas a elas¹²⁴.

Esse medo de viver do qual nos fala Huizinga, é um sentimento que não percebemos ao analisar a literatura boccacciana, pois nos deparamos justamente com a superação dos infortúnios através da valorização da vivência, exaltada no *Decameron*, que em um cenário de morte, enfatiza o apreço pela vida. A ambiguidade do contexto tardo-medieval que buscamos ressaltar em nossa abordagem se faz presente ao longo de toda obra de Boccaccio, pois situações difíceis não são negadas, se fazendo presente em grande parte das novelas, mas essas dificuldades são seguidas por momentos de superação e de alegria, frutos dos esforços, ou até mesmo da sorte dos personagens.

Esse sentimento é evidente ao longo da Segunda Jornada¹²⁵, que tem como tema estabelecido, “alguém que, apesar de atribulado por diferentes coisas, conseguiu chegar a um final feliz, contrariando todas as expectativas”¹²⁶. De fato, a busca por algo desejado e a não desistência diante das provações, indicam uma postura otimista em um contexto complexo. São homens e mulheres que, de maneira semelhante, através da superação e com ajuda da Sorte, conquistam a Felicidade através da fuga de uma triste realidade e da busca por aquilo que desejavam.

Assim ocorreu com Martellino, na primeira novela narrada por Neífíle, que conta a história desse personagem que havia chegado a Treviso, juntamente com dois amigos, Stecchio e Marchese, praticantes de diversas imitações. Em um determinado momento, os três, verificando a grande quantidade de pessoas que se reuniam na igreja local, tomaram conhecimento de que se velava o corpo de um bondoso homem, chamado Arrigo, que falecera há pouco tempo. Este homem estava sendo considerado um santo, pois na hora de sua morte, os sinos da maior igreja começaram a tocar sem que ninguém o fizesse. Os amigos, então,

¹²³ HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média. Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos.** São Paulo: CosacNaify, 2010, p. 47.

¹²⁴ Idem, p. 226.

¹²⁵ Reinado de Filomena.

¹²⁶ BOCCACCIO. *Op. Cit.*, p. 74.

desejosos de se aproximarem do corpo, foram movidos pela seguinte idéia de Martellino: este se fingiria de aleijado para, assim, amparado por seus amigos, se aproximar do corpo; no momento que chegasse perto, porém, ele voltaria ao normal, fingindo-se curado.

Desmascarado, contudo, por um florentino que o conhecia, o falso aleijado acabou salvo da multidão graças aos dois amigos, que o acusaram de roubo para que fosse levado pelas autoridades, e posteriormente intercederam junto a um homem que tinha prestígio com o juiz. Este narrou tudo ao senhor da cidade, que achou graça do fato. Assim, cada um dos três amigos, após ganhar um novo traje, voltou para sua respectiva casa.

Semelhante sorte encontrou o mercador Rinaldo d’Asti, personagem principal do relato de Filóstrato, na segunda novela dessa mesma jornada. Em uma viagem de negócios, Rinaldo d’Asti acabou sendo assaltado por ladrões, e sem seus pertences, abrigou-se na casa de uma bela viúva, que vivia nas proximidades de um castelo, devido ao seu amor com o marquês Azzo. Rinaldo então ceou, banhou-se e dormiu em companhia da mulher, que estava só naquela noite. Ao amanhecer descobriu que, por milagre, os assaltantes haviam sido presos por outro crime, conseguindo assim recuperar seu cavalo e seus pertences.

Com a sorte dada por Deus e por São Juliano, por quem o mercador mantinha devoção, Rinaldo então retornou a sua casa. Dessa forma, através da esperteza ou da ajuda da sorte, seria sempre possível reverter uma situação desagradável. Esse modo de representação dos fatos, realizado por Boccaccio, alude por meio da literatura, aos fatores filosóficos e históricos da época do autor: um ambiente em que a Peste Negra foi uma caçadora de sorrisos, e que, conforme podemos constatar nas novelas do *Decameron*, a sociedade lentamente aprende a sorrir.

Nesse sentido, percebemos nas novelas de Boccaccio, o riso como uma das principais formas de fuga nesse contexto de provações e dificuldades, uma maneira de agir que operava uma liberação do medo de homens e mulheres que lutaram pela vida e encontraram espaço para se liberarem das verdades terríveis a que estavam sujeitos. Segundo nos ressalta Mikhail Bakhtin, ao analisar a obra de François Rabelais, em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, obra fundamental para nossa pesquisa, “a sensação aguda da vitória conseguida sobre o medo é um elemento primordial do riso na Idade Média”¹²⁷, elemento essencial para compreendermos a realidade mimetizada na literatura de Boccaccio.

Destacamos, portanto, a concepção defendida por Bakhtin acerca do riso na Baixa

¹²⁷ BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. 2. ed. São Paulo/ Brasília: EDUNB/HUCITEC, 1993, p. 79.

Idade Média:

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada. Ele restabelece essa integridade¹²⁸.

O autor ressalta em sua obra, ao abordar a questão do riso grotesco, que no sistema das imagens grotescas, morte e renovação são inseparáveis do conjunto vital, e incapazes de infundir temor. “Na Idade Média e no Renascimento há elementos cômicos mesmo na imagem da morte”¹²⁹. Ao abordar essa convivência complexa, Bakhtin cita a “Dança Macabra”, também chamadas de Dança da Morte representações burlescas, “que geralmente traz à cena um esqueleto, a morte, que, dançando, conversa com personagens de diversas procedências sociais (...), a quem apresenta um quadro bastante realista, irônico, e às vezes muito engraçado, da situação em que se encontravam”¹³⁰. Surgidas na França em meados do século XIV, estiveram presentes em quase toda a Europa do período tardo-medieval. Essa perspectiva de representação de um cenário de morte através da graça encontra-se também presente na literatura de Boccaccio.

O autor ressalta ainda, as particularidades do riso na Idade Média e no Renascimento, e a relação das obras com os leitores do período, ainda que seu enfoque seja na obra de Rabelais, percebemos a mesma perspectiva na obra de Boccaccio, pois, conforme nos afirma Bakhtin:

É significativo, contudo, que a maneira de regular a vida e a morte esteja definitivamente fora do domínio do riso jubiloso. Com Boccaccio e Jean Second, Rabelais é “bom para divertir”, mas não pertence ao número dos consoladores e conselheiros que ensinam “a bem morrer e bem viver”. No entanto, para seus contemporâneos, Rabelais cumpria muito bem o papel de consolador e conselheiro. Eles sabiam, ainda, portanto, encarar jubilosamente, no plano do riso, a maneira de regular a vida e a morte¹³¹.

Percebemos novamente a valorização da vida e suas oportunidades na terceira novela da obra, narrada por Pampinéia, os três personagens (Lamberto, Tebaldo e Agolante) chamam seu sobrinho, Alexandre, para cuidar dos negócios florentinos na Inglaterra. Quando as despesas se tornam gigantescas para os tios, Alexandre teve de sair do país e voltar para

¹²⁸ Idem, p. 105.

¹²⁹ Idem, p. 44.

¹³⁰ GUIMARÃES, Marcella. *Op. Cit.* p. 121.

¹³¹ BAKHTIN, Mikhail. *Op. Cit.* p. 57.

Florença. Ao deixar Bruges percebeu que também partia de lá um abade branco seguido de muitos monges e dois cavaleiros idosos, parentes do rei. Esses últimos ficaram amigos de Alexandre durante a viagem e o jovem tornou-se também amigo do abade.

No entanto, descobrimos que o “abade branco” era na verdade um disfarce: tratava-se na verdade da filha do rei da Inglaterra, que se dirigia até Roma para alcançar matrimônio por meio do papa¹³². Durante a viagem a moça conhece Alexandre e acaba cumprindo os votos de matrimônio com este jovem. A esposa então impõe que fossem soltos os tios de seu marido, que estavam presos por dívidas. E segundo Boccaccio:

Feito isto, Alexandre e sua mulher, levando com eles Agolante, saíram de Florença, dirigindo-se a Paris, onde o rei os recebeu, sempre com magnificência. Mais tarde, os dois cavaleiros voltaram à Inglaterra; e tanto insistiram junto ao rei que, por fim, este deu seu perdão; recebeu a filha de volta, e o genro, igualmente, com brilhantes festejos. Passado algum tempo, elevou o genro à dignidade de cavaleiro, numa cerimônia magnífica; e concedeu-lhe o Condado de Cornualha. Soube Alexandre resolver de tal maneira todos os assuntos, que acabou promovendo a paz entre pai e filho¹³³.

Agolante conseguiu recuperar a riqueza dos irmãos, voltou rico para Florença e “antes de partir, o conde Alexandre fê-lo cavaleiro. O conde, depois disso, viveu gloriosamente com sua esposa. Querem alguns certificar que ele, combinando o seu natural bom senso e o valor com o auxílio do sogro, tenha conquistado a Escócia, coroando-se seu rei”¹³⁴. Nessa novela de Boccaccio a mudança de grupo social por Alexandre recebe atenção e os estereótipos estão vinculados às presenças da nobreza, dos gentis-homens, dos monges, do papa e das ações dos mercadores-banqueiros.

Perspectiva presente também na quarta novela, narrada por Elisa, que relata a aparente má sorte de Válter, conde da Antuérpia. Válter havia ficado responsável pelo reino da França, enquanto o rei e seu filho estavam na guerra. Amado pela esposa do filho do rei, acabou sendo acusado por ela de tê-la agarrado à força, em atitude de vingança pelo amor não correspondido. Válter, que era viúvo e tinha dois filhos pequenos, fugiu para Londres, onde deixou a filha com uma dama e o filho com o mordomo do rei. Partiu, logo após, para viver na Irlanda, onde trabalhava muito.

Algum tempo se passou até que ele foi em busca de seus filhos: encontrou a filha casada, fruto de um romance com o filho da dama que a criou; o filho, que também havia casado, entretanto, perdido grande parte de sua família devido a peste, tornando-se depois

¹³² BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 92.

¹³³ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 94

¹³⁴ Idem, *Ibidem*.

mordomo. Segundo Boccaccio: “Ocorreu naquela parte da Inglaterra, uma pestilenta mortandade, que ceifou quase metade dos habitantes, não é necessário dizer-se que grande parte dos que sobreviveram se refugiou, com medo, em outras regiões”¹³⁵.

Feliz pela boa sorte dos filhos, Válder logo foi perdoado, sendo restituído de seu título e de todos os seus bens após a confissão da nora do rei, que finalmente contou a verdade em seu leito de morte. O conde viveu gloriosamente em Paris até seus últimos dias. Percebemos que a sorte perante momentos de dificuldades, como a peste negra, e o encontro da felicidade após tantos infortúnios, são presença constante na narrativa do erudito medieval, conforme observamos ocorrer com os personagens Rinaldo, Alexandre e Válder, nas novelas analisadas. Essa perspectiva nos possibilita uma reflexão acerca das diversas possibilidades de agir diante de momentos de provação, transfiguradas na literatura do erudito medieval.

Percebemos que a boa sorte, e o otimismo diante dos infortúnios, se fazem presentes para os mais diversos personagens, de diferentes camadas sociais, mesmo para aqueles de índole questionável, e ocorrem também das mais variadas maneiras, citamos como exemplo a boa sorte financeira, e a amorosa que se fazem presentes na maior parte das novelas analisadas.

Vem nesse sentido o relato (presente na quarta novela) de Laurinha acerca de Landolfo Ruffolo, rico homem de Ravelo, pequena cidade italiana, que não contente com sua riqueza resolveu arriscar-se e lançar-se no comércio marítimo. Sem a sorte esperada acabou perdendo tudo o que tinha, tornando-se então pirata. Acabou tendo nessa atividade mais sorte que na anterior, multiplicando seus bens. Porém, genoveses roubaram tudo o que Landolfo havia conseguido e o levaram como prisioneiro em um navio, o qual acabou naufragando. O prisioneiro, no entanto, novamente teve sorte e salvou-se agarrado em uma caixa, sendo socorrido por uma mulher quando chegou até a praia. No momento em que verificou o conteúdo da caixa, descobriu uma boa quantidade de pedras preciosas. Vendeu-as, recompensou a senhora que o havia ajudado e voltou para sua cidade ainda mais rico do que quando saíra, pois encontrou a ajuda do Destino.

É Fiametta quem narra na quinta novela dessa jornada, a história de Andreuccio di Pietro, corretor de cavalos em Perúsia. Esse homem, apesar de nunca ter saído de casa, sabendo que em Nápoles havia cavalos baratos, pôs na bolsa quinhentos florins de ouro e foi para lá com outros mercadores. Ao negociar os cavalos que eram vendidos na praça, tirou várias vezes, na frente de todos, a bolsa de florins que carregava. Uma jovem siciliana,

¹³⁵ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 110.

percebendo isso, conseguiu obter todas as informações acerca da vida de Andreuccio com uma senhora que o conhecia, pois havia morado um tempo na casa de seu pai. “A jovem, plenamente informada da parentela e dos nomes, para satisfazer sua ganância com sutil malícia, usou essas informações para traçar seus planos”¹³⁶.

Através de sua criada, a jovem conseguiu encontrar-se com Andreuccio, e lhe afirmou que era sua irmã, filha de seu pai Pietro, que havia estado em Palermo e tido um breve relacionamento amoroso com sua mãe. Sabendo que o pai havia mesmo estado durante algum tempo em Palermo, Andreuccio acreditou na história contada pela jovem. Após jantar e ser convidado a dormir na casa de sua suposta irmã, Andreuccio, despiu-se, e ao utilizar o banheiro, caiu em um buraco devido a uma tábua solta. Assim a jovem lhe roubou o dinheiro que havia ficado em suas roupas. Conseguindo sair do buraco o homem percebeu sua desventura a bateu na porta da casa em vão. Depois de ser ofendido pelos vizinhos e ameaçado por um homem que havia aparecido na janela daquela que dizia ser sua irmã, o homem entrou em uma rua estreita e buscou se esconder de dois homens, com medo que fossem da polícia. Porém, foi descoberto, e contou-lhes todo infortúnio que havia lhe acontecido.

Vendo a situação de Andreuccio, os dois homens lhe fizeram a proposta de ajudá-los a roubar um anel de rubi de um bispo que havia sido sepultado com a jóia. No caminho o desafortunado homem foi se lavar em um poço, devido ao mau cheiro por ter caído no buraco do banheiro, mas os dois homens que o haviam descido com uma corda até o fundo do poço, fugiram ao verem dois guardas, e esses mesmos guardas fugiram quando puxaram a corda, querendo tomar água, e avistaram Andreuccio. Ao reencontrar os dois homens, foram executar seu plano, e Andreuccio entrou no túmulo, mas já percebendo a intenção dos outros dois, lhes entregou tudo, menos o anel de rubi, afirmando que não o havia encontrado. Então, foi trancado lá dentro pelos ladrões.

Já achando que iria morrer, o jovem ouviu vozes e percebeu que outros haviam entrado na igreja com a mesma intenção que ele e os dois rapazes. Mas ao abrirem o sarcófago, Andreuccio deu um puxão nas pernas daquele que iria entrar, fazendo com que os ladrões saíssem correndo, deixando-o livre. “Percebendo, Andreuccio, muito mais feliz do que previa, logo pulou para fora e saiu da igreja pelo mesmo caminho por onde entrara; o dia já estava para raiar quando andando a esmo com aquele anel no dedo, acabou chegando à costa e

¹³⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.* p. 99.

topando com sua hospedaria”¹³⁷. E assim voltou para Perúsia. “As mulheres e os rapazes tinham rido muito dos casos de Andreuccio, contados por Fiametta”¹³⁸.

A própria rainha Filomena, na nona novela, narra a história de Ambrosinho de Piacenza, que se utilizou do artifício da mentira unicamente com o fim de desafiar e provar para Barnabé, um genovês, a infidelidade de sua esposa. Na ocasião, Ambrosino, escondido, observou a dama e relatou detalhes do corpo dela para o marido, o qual acreditou na traição e ordenou a morte da esposa. No entanto esta conseguiu escapar e, vestida de homem, conquistou a confiança do sultão de Alexandria. Estando em Alexandria, Ambrosinho foi por ela descoberto e, trazendo o marido para o mesmo local, revelou sua identidade e como o mentiroso havia conseguido as ditas provas.

Perdoado pela fiel esposa, Barnabé viveu com ela feliz, enquanto Ambrosinho teve uma triste morte, devorado pelos insetos. Essa possibilidade de mudar a própria sorte, que observamos no caso da esposa de Barnabé, encontra-se também na última novela. De acordo com Dioneu, vemos uma jovem, Bartolomeia, vivendo em profundo estado de melancolia, pois seu marido, um juiz chamado Ricardo de Quinzica, possuía e seguia um calendário que, devido aos diversos feriados e a quaresma, limitava o amor do casal. No entanto, em um dia de calor, durante uma pescaria, Bartolomeia foi seqüestrada por um corsário e passou a viver com ele um grande amor. Quando encontrada pelo marido, afirmou que não era feliz com ele e que permaneceria com o corsário, pois ali não havia calendário que limitasse sua felicidade.

Após algum tempo Ricardo faleceu e o corsário casou-se com ela, vivendo ambos uma vida feliz e repleta de prazeres. Assim, a moça, não contente com seu destino, escolheu a sua própria sorte. Essa ideia de sorte presente no *Decameron* esta relacionada às próprias atitudes e à maneira de agir perante as situações difíceis que fazem parte da vida, sendo essa boa sorte, em muitas das novelas, resultado de esforço e otimismo. A sorte esta relacionada também à valorização da vida demonstrada através das atitudes dos personagens.

Filóstrato, no início de sua narrativa da sétima novela da sexta jornada, ressalta o quanto é bonito saber falar bem em qualquer lugar, e afirma que “foi o que soube fazer a dama de que tratarei, pois não só provocou divertimento e riso nos que a ouviam, como também se livrou dos laços da morte infamante”¹³⁹. Em Prato havia vigorado uma lei que ordenava que as mulheres que fossem encontradas em adultério, ou encontradas com qualquer homem por dinheiro, deveriam ser queimadas vivas. Uma Fidalga, muito formosa, chamada

¹³⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.* p. 108.

¹³⁸ Idem, p. 109.

¹³⁹ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 368.

Filipa, foi encontrada certa noite, por seu próprio marido, nos braços de Lazzarino dei Guazzagliotri, belo jovem fidalgo. Logo que amanheceu, seu marido a denunciou, porém, a mulher, muito corajosa e preferindo morrer a viver covardemente no exílio, foi até o podestade, que ficou admirado por sua beleza. Porém, mesmo querendo ajudar a mulher, conforme sua obrigação, perguntou-lhe se havia traído seu marido¹⁴⁰. A acusada sem se amedrontar respondeu que era verdade que havia sido encontrada nos braços de outro homem, mas questiona a lei que a acusava, conforme afirma:

Pois recai apenas sobre as pobrezinhas das mulheres, que bem melhor que os homens poderiam satisfazer a muitos; além disso, quando ela foi feita, não só não recebeu o consentimento de mulher alguma como também nenhuma mulher nunca foi chamada para isso; por tais razões, merece ser considerada injusta¹⁴¹.

Em seguida, pediu ao podestade para que perguntasse ao seu marido, se em todas as ocasiões que ele quis, sem nunca dizer não ela havia se posto por inteiro a sua disposição ou não. Ricardo então respondeu que ela sempre esteve a sua disposição. Ela então questiona o que faria com as sobras, se não era então melhor servi-las a um homem nobre que a amava. Aquele interrogatório atraía para lá quase todos os habitantes de Prato; “estes, ouvindo resposta tão agradável, depois de muito rirem, gritaram quase em uníssono que a mulher tinha razão e dizia a verdade”¹⁴². Depois disso, a cruel lei foi modificada, passando a ser aplicada somente as mulheres que por dinheiro cometessem falta contra o marido. A mulher, alegre e livre, como se ressuscitasse da fogueira, voltou para casa em triunfo.

Após o fim da novela, “a história contada por Filóstrato de início infundiu certo pudor no coração das mulheres que o ouviam (...) depois, entreolhando-se e mal conseguindo deixar de rir, ouviram tudo sorrindo maliciosamente”¹⁴³. Nessa novela, percebemos a presença do riso em dois momentos distintos primeiramente como reação das pessoas que assistiam o julgamento e riram da astúcia da mulher que livrou-se da morte através de seus argumentos, e em seguida, como reação das mulheres que ouviam a novela e apesar de uma vergonha inicial com a temática da histórica, não conseguiram segurar a risada diante da esperteza da personagem. Além dessa presença do riso, percebemos também o direito ao amor carnal¹⁴⁴, relacionado à valorização das oportunidades, e dos prazeres que devem ser aproveitados. Novamente a alegria e a vida, superam a proximidade da morte.

¹⁴⁰ Para executar a pena de morte era necessário que a pessoa acusada confessasse o crime.

¹⁴¹ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 369.

¹⁴² Idem, p. 369.

¹⁴³ BOCCACCIO, Giovanni. *Op. Cit*, p. 370.

¹⁴⁴ Essa é uma temática recorrente em várias novelas ao longo da obra.

É Dioneu, na despedida da décima novela da última jornada, quem afirma aos demais membros da *brigata*, a necessidade de voltarem para suas casas, ressaltando a alegria que puderam desfrutar através desse período de fuga de uma realidade complexa:

Como é de seu conhecimento, amanhã faz quinze dias que saímos de Florença para termos alguma distração que nos servisse de amparo à saúde e à vida, pondo fim as melancolias, dores e angústias a que assistimos sem cessar em nossa cidade desde que tiveram início esses tempos de peste; coisa que, segundo meu juízo, fizemos com honradez; pois, se eu tiver bem observado, embora tenham sido contadas histórias alegres e talvez capazes de despertar a concupiscência, embora tenhamos continuamente comido bem, bebido, tocado e cantado, coisas estas de índole a incitar as mentes frágeis a coisas menos decorosas, não chegaram ao meu conhecimento atos ou palavras, enfim, nada que fosse censurável, nem da parte das senhoras nem da nossa; contínuo decoro, contínuo concórdia, contínuo familiaridade fraterna: foi isso o que me pareceu ver e ouvir¹⁴⁵.

A própria reação dos membros da *brigata* ao ouvirem as novelas narradas, é de riso, principalmente das mulheres, que ao longo de todos os dias em que estiveram isoladas, viveram com alegria essas narrativas, sendo ouvintes ou narrando essas histórias.

O homem medieval teve que aprender a lidar com a peste e seus desdobramentos, mas em seus intervalos, soube também mobilizar esforços para fazer a vida recomeçar. Segundo Marcella Lopes Guimarães, “importa perceber, então, que a Literatura, sem espelhar o real, nasce de uma prática sem a qual a sua representação não seria compreendida, e apresenta uma maneira de lidar com uma realidade muitas vezes lúgubre mas sem abrir mão da edificação, da fruição e da graça”¹⁴⁶. É fundamental estudar os séculos XI e XV, sobre outra chave que não a das razões unicamente teleológicas, conforme enfatiza a autora, pois através de uma perspectiva diversa é possível um outro viés interpretativo do período.

De acordo com Guimarães, “o fim do medievo, então, é o fim de uma civilização politicamente autônoma, mas não de uma tradição cultural que, entre mil rotas de fuga, escolheria a Península Itálica para o que seria conhecido como o grande Renascimento”¹⁴⁷. Nas páginas do *Decameron*, encontramos esses momentos de dificuldades e provações que os homens do período tiveram de enfrentar, porém Boccaccio nos demonstra um grande otimismo diante desses infortúnios, além dos grandes esforços da população e da própria cidade de Florença na busca pela superação e reorganização. Percebemos, através das vozes dos dez personagens principais da obra, que em um contexto de proximidade da morte, não

¹⁴⁵ BOCCACCIO, Giovanni, *Op. Cit.* p. 621.

¹⁴⁶ GUIMARÃES, Marcella Lopes. “Cultura na Baixa Idade Média” in GIMENEZ, José Carlos (org.). **História Medieval II: a Baixa Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2010, p. 123.

¹⁴⁷ GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Op. Cit.* p. 129.

havia somente desespero e aflição, pois na vontade de viver, encontrava-se a prevalência da alegria, além do direito do homem de aproveitar a sua realidade presente da melhor maneira possível.

É Philippe Ariès quem nos ressalta que, "no final da Idade Média, as mutações estruturais começadas desde o século XIII precipitaram-se. Separando definitivamente os indivíduos das amarras ancestrais, as epidemias, o crescimento da mortandade, e as crises dos séculos XIV e XV ampliaram um movimento começado pela urbanização"¹⁴⁸. Segundo o autor, muitos tinham deixado a terra de seus ancestrais, e na hora de morrer não podiam mais se juntar a eles. "Os vivos tinham resolutamente se afastado dos mortos; sozinhos e isolados, descobriam então a morte"¹⁴⁹. Porém, de acordo com Ariès:

O amor pela vida terrestre, nos põe no caminho que eu acredito ser o certo, com a condição que o amor pela vida não seja considerado como próprio da Renascença, porque ele é também um dos caracteres específicos da Baixa Idade Média. A verdade é que por certo o homem nunca amou tanto a vida como nesse final da Idade Média¹⁵⁰.

Esse conjunto de novelas analisadas deixa claro o sentimento e a consciência permanente de Boccaccio em relação à vida e suas possíveis armadilhas; ao mesmo tempo, porém, o autor aponta que, por meio da Razão e com uma influência do Amor, talvez consigamos sempre alcançar a seiva da vida, desfrutando-a.

Que o tema fosse recorrente ante o horror dos cadáveres putrefatos que a peste ou a guerra expunham é esperado, mas que o homem medieval encontrasse meios criativos de encarar a morte e fazê-la nova senhora de uma sociedade tão agarrada à hierarquia pode surpreender, e certamente oferece vieses outros de compreensão do período¹⁵¹.

Podemos concluir, portanto, que crise e decadência não são uniformidade em qualquer realidade. As dificuldades pelas quais a Europa passou ao longo do século XIV não são negadas, pois são responsáveis por muitas mudanças que ocorreram nesse momento, mas analisar a Baixa Idade Média apenas pelo viés negativo da crise é fechar os olhos para a superação e prosperidade do período.

A ambiguidade do contexto se faz presente ao longo das novelas do *Decameron*, pois os personagens enfrentam desafios e dificuldades em grande parte das novelas que compõem a obra, mas a partir da análise do contexto e da narrativa de Boccaccio, podemos perceber

¹⁴⁸ ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982, p. 253.

¹⁴⁹ Idem, p. 257.

¹⁵⁰ Idem, p. 139.

¹⁵¹ GUIMARÃES, Marcella Lopes, *Op. Cit.*, p. 123

que, na maior parte dessas histórias, as dificuldades são seguidas por momentos de superação, de alegria, e também do riso, frutos dos esforços, ou até mesmo da sorte dos personagens.

Foi possível, portanto, através das experiências ambivalentes, onde morte e renovação eram então inseparáveis, observar a Baixa Idade Média italiana não como um prelúdio do humanismo e do Renascimento, mas como um momento que deu mostras de superação e prosperidade, essenciais para a regeneração da sociedade, que lentamente aprende a sorrir e a ressurgir. Nesse sentido, nosso olhar observa e busca ressaltar a forte dinâmica característica desse período, parte de um longo e diverso medievo.

CONCLUSÃO

A variedade de temáticas e tipos sociais presentes nas novelas do *Decameron*, ao mesmo tempo que permitem uma ampla abordagem acerca do contexto da Baixa Idade Média, significam também um desafio para o historiador. A própria seleção das novelas, utilizadas como objetos de nossa pesquisa, necessitou de grande atenção e cuidado, pois haviam várias direções a serem seguidas, que determinariam os caminhos de nossa observação. Outra dificuldade está relacionada também a escolha da edição utilizada, tendo essa obra um grande número de publicações. Essa foi também uma preocupação importante, tendo em vista o objetivo de buscar observar aspectos da realidade do século XIV mimetizados na literatura boccacciana.

Após essas escolhas serem definidas, pudemos compreender, através da bibliografia analisada, a ampla complexidade que caracteriza a Baixa Idade Média, um período de muitas dificuldades, relacionadas às guerras, ao Grande Cisma do Ocidente, as dificuldades econômicas, e sobretudo a peste negra. Contudo, a prosperidade e a superação, são também parte essencial dessa realidade ambivalente.

Através das novelas analisadas, pudemos observar a fuga da peste negra como aspecto fundamental para o desenvolvimento das histórias contadas pelos personagens. Essas narrativas nos possibilitaram perceber as diferentes formas de agir que Boccaccio nos apresenta, diante desse contexto complexo. Nesse sentido, a relação do homem medieval com o pecado, e conseqüentemente a preocupação com o pós-morte, foi um fator recorrente em algumas dessas novelas.

Nesse sentido, percebemos que Boccaccio aborda questões referentes à santidade, as relíquias e ao purgatório, relacionados a pessoas ligadas a igreja ou não, que visam tirar proveito próprio de diversas maneiras. A importância é atribuída, contudo, à fé daquele que acredita, e que busca a salvação. Pudemos então observar as atitudes diversas que Boccaccio ressalta no início da obra, pois alguns buscavam a salvação, enquanto outros aproveitavam o momento presente. Essas questões são abordadas a partir de um viés cômico, e do riso presente diante dessa gama de situações apresentadas de maneira engraçada.

É também através do riso que os personagens das novelas superam as mais difíceis situações e conseguem a superação através de atitudes otimistas. Vemos enfatizada ao longo dessas novelas, o grande apreço pela vida que Boccaccio apresenta em um contexto de proximidade da morte. A própria fuga dos dez personagens principais da obra, que visavam

aproveitar o tempo, que poderia ser tão curto, e que conseguem, através também das próprias narrativas das novelas, esquecerem, ainda que brevemente, a triste realidade que haviam presenciado. O riso se faz presente também como reação dos membros da *brigata* ao ouvirem as novelas narradas. Nesse contexto, onde morte e renovação eram então inseparáveis, percebemos na obra, a prevalência da alegria, e o direito do proveito da vida.

No estudo apresentado, entendemos que as dificuldades do período estão presentes ao longo de todo *Decameron*, pois nem todas as novelas possuem um final feliz. Nas narrativas que utilizamos como as fontes de nossa abordagem, muitas são as dificuldades e contratempos da vida. Contudo, diante dessas situações, sempre existe a possibilidade, através da valorização do tempo presente, da superação e da alegria.

Concluimos, portanto, que crise e decadência não são uniformidades nessa realidade, pois observamos, a partir da obra do erudito tardo-medieval, a complexidade e a ambivalência da Baixa Idade Média, não como um prelúdio do Renascimento, mas como um momento que deu mostras de superação e prosperidade, essenciais para a regeneração da sociedade, que lentamente aprende a respirar, a sorrir e a ressurgir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Vitae Paparum Avenionensium Clementis VI. Primavita. Mollat. M. (Ed.). Paris, 1915-1922, p. 252. Apud Calmette, Op. Cit., p. 236-7. In: SÁNCHEZ, Maria Guadalupe Pedrero. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo, SP: UNESP, 2000.

Bibliografia

AUERBACH, Eric. Frate Alberto. In: **Mímesis: a representação da realidade na Literatura ocidental**. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, pp. 177-201.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. 2. ed. São Paulo/ Brasília: EDUNB/HUCITEC, 1993.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal, do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DUBY Georges. **Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos**. São Paulo: Unesp, 1999.

GOMES, Saul Antônio. **Sagrados Monumentos, relíquias de mártires e de santos em Portugal**. Universidade de Coimbra: Revista Lusófona de Ciência das Religiões. Ano VIII, 2009. pp 59-84.

GUIMARÃES, Merccella Lopes. “Cultura na Baixa Idade Média” in GIMENEZ, José Carlos (org.). **História Medieval II: a Baixa Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2010.

GUREVIC, Aron. O Mercador. In: LE GOFF, Jacques (org). **O Homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

HEERS, Jacques. **História medieval**. São Paulo: Difel, 1981.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média. Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos**. São Paulo: CosacNaify, 2010.

- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **A bolsa e a vida: Economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **A civilização do ocidente medieval**. Tradução: José Rivair de Macedo. SP: EDUSC, 2005.
- _____. **El nacimiento del purgatorio**. Taurus, 1981, p. 331.
- _____. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editora Estampa, 1980.
- _____. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- MACEDO. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **História de Florença**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **As santas relíquias : tesouros espirituais e políticos**. Revista Diálogos Mediterrânicos, jun. 2014.
- OLIVEIRA, Flavio Rodrigues de. OLIVEIRA, Terezinha de. A literatura e as transformações sociais na Baixa Idade Média: Uma análise da obra *Decamerão* de Boccaccio. **Anais da X jornada de estudos antigos e medievais da UEM**. Maringá: UEM, PP 1-10.
- ORLANDI, Enzo. **Giovanni Boccaccio**. Lisboa: Verbo, 1972.
- PARGA, Isabel Rubín Vázquez de. **Primeras notas para un estudio de la “giuntina” del 1527 del Decameron conservada en la biblioteca Berio de Génova**. Universidad de Sevilla, 2006.
- SCHIMITT, Jean- Claude. **O Corpo das Imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, São Paulo: EDUCS, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **A gramática do Decameron**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.
- WOLFF, Philip. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

